

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



D. Dinis
Cantigas



Iba Mendes
www.poeteiro.com

D. Dinis

Cantigas

Publicado originalmente em 1845.

**D. Dinis
(1261 – 1325)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 299



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português D. Dinis: “*Cantigas*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Filho de Afonso III de Portugal e de D. Beatriz de Castela, D. Dinis nasceu em Lisboa, em 9 de Outubro de 1261. Da sua infância, sabe-se que, logo em 1265, acompanhado de sua mãe e de um contingente militar, visita o seu avô Afonso X em Sevilha, viagem relacionada com a questão do Algarve, cuja resolução implicou o envio de reforços portugueses para os esforços de guerra na Andaluzia.

Ao longo de 46 anos a governar os Reinos Portugal e dos Algarves foi um dos principais responsáveis pela criação da identidade nacional e o alvor da consciência de Portugal enquanto estado-nação: em 1297, após a conclusão da Reconquista pelo seu pai, definiu as fronteiras de Portugal no Tratado de Alcanizes, prosseguiu relevantes reformas judiciais, instituiu a língua Portuguesa como língua oficial da corte, criou a primeira Universidade portuguesa, libertou as Ordens Militares no território nacional de influências estrangeiras e prosseguiu um sistemático acréscimo do centralismo régio. A sua política centralizadora foi articulada com importantes ações de fomento económico - como a criação de inúmeros concelhos e feiras. D. Dinis ordenou a exploração de minas de cobre, prata, estanho e ferro e organizou a exportação da produção excedente para outros países europeus. Em 1308 assinou o primeiro acordo comercial português com a Inglaterra. Em 1312 fundou a marinha Portuguesa, nomeando 1º Almirante de Portugal, o genovês Manuel Pessanha, e ordenando a construção de várias docas.

Foi grande amante das artes e letras. Tendo sido um famoso trovador, cultivou as Cantigas de Amigo, de Amor e a sátira, contribuindo para o desenvolvimento da poesia trovadoresca na península Ibérica. Pensa-se ter sido o primeiro monarca português verdadeiramente alfabetizado, tendo assinado sempre com o nome completo. Culto e curioso das letras e das ciências, terá impulsionado a tradução de muitas obras para português, entre as quais se contam os tratados de seu avô Afonso X, o Sábio. Foi o responsável pela criação da primeira Universidade portuguesa, inicialmente instalada na zona do atual Largo do Carmo, em Lisboa e por si transferida, pela primeira vez, para Coimbra, em 1308. Esta universidade, que foi transferida várias vezes entre as duas cidades, ficou definitivamente instalada em Coimbra em 1537, por ordem de D. João III.

Entre 1320 e 1324 houve uma guerra civil que opôs o rei ao futuro Afonso IV. Este julgava que o pai pretendia dar o trono a Afonso Sanches. Nesta guerra, o rei contou com pouco apoio popular, pois nos últimos anos de reinado deu grandes privilégios aos nobres. O infante contou com o apoio dos concelhos. Apesar dos motivos da revolta, esta guerra foi no fundo um conflito entre grandes e pequenos.

Após a sua morte, em 1325 foi sucedido pelo seu filho legítimo, Afonso IV de Portugal, apesar da oposição do seu favorito, o filho natural Afonso Sanches.

Nunca esquecendo o hiato de largos séculos que nos separa de D. Dinis, é possível traçar um esboço de linhas mestras da personalidade deste rei português. Era determinado, ou mesmo obstinado, nos seus intentos, do que são exemplo a "cadência de inquirições verdadeiramente demolidora" e demais políticas de centralização régia que instituiu de forma sistemática.

Revelou-se desde cedo um grande estrategista, sendo precursor de uma política governativa e legislativa não apenas reativa, mas antes de cunho proativo. Beneficiando de uma análise a *posteriori*, percebe-se que as decisões não iam sendo tomadas ao acaso, antes se articulando na senda de um ideal de país e nação que o Rei almejava. À laia de exemplo, indique-se a concomitante criação de concelhos e feiras, as políticas de fortificação das fronteiras ou a crescente dependência das ordens militares do poder régio.

Por tudo isto, D. Dinis foi reconhecido como um homem sagaz e de elevada capacidade governativa, tanto por contemporâneos como por historiadores posteriores.

Não carecia D. Dinis do que hoje apelidamos de habilidade política. Sendo hábil no trato e entendedor dos Homens, D. Dinis soube ir "atacando e apaziguando, alternadamente, os interesses senhoriais laicos e eclesiásticos: desamortizou os bens do clero, mas aceitou a concordata e restringiu os direitos de comedia nos mosteiros; inquiriu os bens senhoriais, mas as leis de desamortização travam a erosão dos patrimónios senhoriais. " A administração das propriedades régias tornou-se mais eficiente e D. Dinis ficou conhecido como um Rei rico; disso encontramos eco na Divina Comédia de Dante Alighieri.

Não obstante, D. Dinis é mormente celebrado em todos os registros cronísticos contemporâneos e posteriores como um Rei justo. Sabendo-se que a maior parte do trabalho legislativo do seu reinado se focou em questões de justiça processual, não será de menor relevo o fato de grande parte dessa nova legislação ir no sentido de evitar excessivas delongas e custas judiciais e impedir abusos de advogados e procuradores.

Dele pode-se ainda dizer que a determinação que tantas conquistas políticas lhe granjeou podia, por vezes, degenerar em teimosia e prepotência. Descrito por vezes como cruel, principalmente nas relações familiares: na forma como tratava o filho herdeiro D. Afonso (nunca o seu favorito) e a esposa, D. Isabel, entregando-lhe os frutos dos seus adultérios para que os criasse.

Figura incontornável da Península Ibérica de fim de Duzentos e início de Trezentos, D. Dinis foi cognominado Pai-da-Pátria por Duarte Nunes de Leão.

Como herdeiro da coroa, D. Dinis desde cedo foi envolvido nos aspectos de governação pelo seu pai. À data da sua subida ao trono, o país encontrava-se em conflito com a Igreja Católica. D. Dinis procurou normalizar a situação assinando um tratado com o papa Nicolau IV, onde jurava proteger os interesses de Roma em Portugal. Após a extinção da Ordem dos Templários conseguiu transferir o património dela no país para a Ordem de Cristo, criada para o efeito, e apoiou os cavaleiros portugueses da Ordem de Santiago na sua disputa para se separarem do seu mestre castelhano.

D. Dinis foi essencialmente um rei administrador e não guerreiro: envolvendo-se em guerra com o Reino de Castela em 1295, desistiu dela em troca das vilas de Serpa e Moura. Pelo Tratado de Alcanises (1297) firmou a paz com Castela, definindo-se nesse tratado as fronteiras actuais entre os dois países ibéricos. Por este tratado previa-se também uma paz de 40 anos, amizade e defesa mútuas.

A sua prioridade governativa foi essencialmente a organização do reino: continuando a vertente legisladora de seu pai D. Afonso III, a profusa ação legislativa está contida, hoje, no Livro da Leis e Posturas e nas Ordenações Afonsinas. Não são "códigos" legislativos tal como os entendemos hoje, mas sim compilações de leis e do direito consuetudinário municipal, alteradas e reformuladas pela Coroa.

Com efeito, a incidência de questões de carácter processual com igual peso ao carácter de direito positivo das suas leis, denuncia a crescente preocupação do rei em enquadrar o direito consuetudinário (ou costumeiro) no âmbito da Coroa, e em efetivar o seu poder no terreno. As determinações sobre a atuação de alvazis (oficiais concelhios), juízes, *procuratores* e *advocati* demonstram isto, já que um poder meramente nominal sobre todos os habitantes do Reino, como era típico na Idade Média, não se compatibiliza com este esforço em esmiuçar os trâmites jurídicos, ou em moralizar o exercício da justiça. A criação de corregedores denuncia claramente o início do processo de territorialização da jurisdição da Coroa, extravasando os domínios régios, a par da crescente importância da capitalidade de Lisboa.

O reinado de D. Dinis acentuou a predileção por Lisboa como local de permanência da corte régia. Não existe uma capital, mas a localização de Lisboa, o seu desenvolvimento urbano, económico e mercantil vão fazendo da cidade o local mais viável para se afirmar como centro administrativo por excelência.

A articulação entre o norte e o sul do país - este sul que se torna alvo da maior atenção e permanência dos reis - fazem de Lisboa centro giratório para tornar Portugal viável. Entre o norte, onde a malha senhorial é mais densa e apertada, e o sul, onde o espaço vasto conquistado aos muçulmanos implanta sobretudo os domínios régios e as ordens militares, assim como vastos espaços de *res nullius* e torna Portugal um reino onde duas realidades diferentes se complementam.

Preocupado com as infra-estruturas do país, D. Dinis ordenou a exploração de minas de cobre, prata, estanho e ferro. Fomentou as trocas com outros reinos, assinou o primeiro tratado comercial com o rei de Inglaterra em 1308 e criou o almirantado, atribuído como privilégio ao genovês Manuel Pessanha, fundando uma verdadeira marinha portuguesa ao serviço da Coroa e do Reino.

D. Dinis redistribuiu terras, promoveu a agricultura e fundou várias comunidades rurais, assim como mercados e feiras, criando as chamadas feiras francas ao conceder a várias povoações diversos privilégios e isenções. A razão de um dos seus cognomes ser O Lavrador foi o fato de ter zelado pela conservação do Pinhal de Leiria, criado pelo seu pai, que ainda se mantém, de forma a proteger as terras agrícolas do avanço das areias costeiras.

Wikipédia
Abril, 2014

ÍNDICE

Bem entendi, meu amigo.....	1
Amiga, muit'a gram sazom.....	1
Que trist'hoj'é meu amigo.....	2
Dos que ora som na hoste.....	2
Que muit'há já que nom vejo.....	3
Chegou-m'ora aqui recado.....	4
O meu amig', amiga, nom quer' eu.....	4
Amiga, bom grad'haja Deus.....	5
Vós, que vos em vossos cantares meu.....	5
Roga-m'hoje, filha, o voss'amigo.....	6
Pesar mi fez meu amigo.....	6
Amiga, sei eu bem d'unha molher.....	7
O voss'amigo tam de coraçom.....	8
Com'ousará parecer ante mi.....	8
–Em grave dia, senhor, que vos oí.....	9
O voss'amig', amiga, vi andar.....	9
– Dizede por Deus amigo.....	10
- Nom poss'eu, meu amigo	10
Por Deus, amiga, quem cuidaria.....	11
O meu amigo há de mal assaz.....	12
Meu amigo, nom poss'eu guarecer.....	12
Que coita houvestes, madr'e senhor.....	13
Amigo fals'e desleal.....	14
Meu amigo vem hoj'aqui.....	14
Quisera vosco falar de grado.....	15
Vi-vos, madre, com meu amig'aqui.....	15
Gram temp'há, meu amigo, que nom quis Deus.....	16
De morrerdes por mi gram dereit'é.....	17
O voss'amig', ai amiga.....	17
Ai, fals'amigu'e sem lealdade.....	18
Meu amig', u eu sejo.....	18
Por Deus, punhade de veerdes meu.....	19
Amigo, pois vos nom vi.....	20
Pois que diz meu amigo.....	20
Por Deus, amiga, pêsvos do gram mal.....	21
Falou-m'hoj'o meu amigo.....	21
Nom sei hoj', amigo, quem padecesse.....	22
Bom dia vi amigo.....	23
Nom chegou, madr', o meu amigo.....	23
– De que morredes, filha, a do corpo velido?	24
Ai flores, ai flores do verde pino.....	25

Levantou-s'a velida.....	25
Amad'e meu amigo.....	26
Pera veer meu amigo.....	27
Mia madre velida.....	27
– Amiga, faço-me maravilhada.....	28
– Amigo, queredes-vos ir?	29
Valer-vos-ia, amigo, se hoj'.....	30
Chegou-m'amiga recado.....	30
Coitada viv', amigo, porque vos nom vejo.....	31
Amiga, quem vos (ama)	31
Vai-s'ó meu amig'alhur sem mim morar.....	32
Praz-m' a mi, senhor, de morrer.....	32
Oimais quer'eu já leixá-lo trobar.....	33
Se hoj'em vós há nenhum mal, senhor.....	33
Que razom cuidades vós, mia senhor.....	34
Quant'eu, fremosa mia senhor.....	34
Vós mi defendestes, senhor.....	35
Como me Deus aguisou que vivesse.....	36
Nunca Deus fez tal coita qual eu hei.....	36
Da mia senhor que eu servi.....	37
Em gram coita, senhor.....	37
Senhor, pois que m'agora Deus guisou.....	38
Pois mia ventura tal é já.....	38
Senhor, dizem-vos por meu mal	39
Tam muito mal mi fazedes, senhor.....	40
Grave vos é de que vos hei amor.....	41
Pois que vos Deus fez, mia senhor.....	41
Senhor, des quando vos vi.....	42
Um tal home sei eu, ai bem talhada.....	42
Pero que eu mui long' estou.....	43
Sempr'eu, mia senhor, desejei.....	44
Se eu podess'ora meu coração.....	44
Quant'há, senhor, que m'eu de vós parti.....	45
Ora vej'eu bem, mia senhor.....	45
Quem vos mui bem visse, senhor.....	46
Nostro Senhor, hajades bom grado.....	46
A mia senhor, que eu por mal de mi	47
Pois que vos Deus, amigo, quer guisar.....	48
A tal estado m'adusse, senhor.....	48
O que vos nunca cuidei a dizer.....	49
Que mui gram prazer que eu hei, senhor.....	49
Senhor fremosa, nom poss'eu osmar.....	50
Nom sei como me salv'a mia senhor.....	50
Quix bem, amigos, e quer'e querrei.....	51

Senhor, nom vos pês se me guisar Deus.....	52
Senhor fremosa e de mui loução.....	52
Ora, senhor, nom poss'eu já.....	53
Senhor, hoj'houvesse eu vagar.....	53
Que soidade de mia senhor hei.....	54
Pero eu dizer quisesse.....	55
Ai senhor fremosa, por Deus.....	55
Senhor fremosa, por qual vos Deus fez.....	56
Quer'eu em maneira de proença.....	56
Mesura seria, senhor.....	57
Que estranho que m'é, senhor.....	58
Senhor, cuitad'é o meu coraçom.....	58
Preguntar-vos quero por Deus.....	59
De muitas coitas, senhor, que levei.....	59
Nostro Senhor, se havei guisado.....	60
Senhor, pois me nom queredes.....	61
Que grave coita, senhor, é.....	61
De mi vós fazerdes, senhor.....	62
Assi me trax coitado.....	63
O gram viç'e o gram sabor.....	63
Senhor, que de grad'hoj'eu querria.....	64
Senhor fremosa, pois no coraçom.....	64
Nunca vos ousei a dizer.....	65
Nom me podedes vós, senhor.....	66
Pois ante vós estou aqui.....	66
Senhor, que mal vos nembrades.....	67
Amor, em que grave dia vos vi.....	67
Que prazer havedes, senhor.....	68
Senhor, que bem parecades.....	69
Senhor fremosa, vejo-vos queixar.....	69
Amor fez a mim amar.....	70
Punh'eu, senhor, quanto poss'em quitar.....	71
De mi valerdes seria, senhor.....	71
Quand'eu bem meto femença.....	72
Senhor, aquel que sempre sofre mal.....	73
Senhor, em tam grave dia.....	73
Por Deus, senhor, pois per vós nom ficou.....	74
Senhor, eu vivo coitada.....	74
Unha pastor se queixava.....	75
Unha pastor bem talhada.....	76
Vi hoj'eu cantar d'amor.....	77
Proençaes soem mui bem trobar.....	78
Ou é Meliom Garcia queixoso.....	78
Tant'é Meliom pecador.....	79

Joam Bolo jov' em ãa pousada.....	79
De Joam Bol' and' eu maravilhado.....	80
Joam Bol' anda mal desbaratado.....	81
U noutro dia Dom Foam.....	81
U noutro dia seve Dom Foam.....	82
Disse-m' hoj' um cavaleiro.....	83
Mui melhor ca m' eu governo.....	83
Deus! com' ora perdeu Joam Simiom.....	84

Bem entendi, meu amigo...

Bem entendi, meu amigo,
que mui gram pesar houvestes
quando falar nom podestes
vós noutro dia comigo,
mais certo seed'amigo
*que nom foi o vosso pesar
que s'ao meu podess'iguar.*

Mui bem soub'eu por verdade
que érades tam coitado
que nom havia recado,
mais amigo acá tornade;
sabede bem por verdade
*que nom foi o vosso pesar
que s'ao meu podess'iguar.*

Bem soub', amigo, por certo,
que o pesar daquel dia
vosso, que par nom havia,
mais pero foi encoberto,
e por em seede certo
*que nom foi o vosso pesar
que s'ao meu podess'iguar.*

Ca o meu nom se pod'osmar,
nem eu nom pudi negar.

Amiga, muit'a gram sazom..

Amiga, muit'a gram sazom
que se foi daqui com el-rei
meu amigo; mais já cuidei
mil vezes no meu coração
*que algur morreu com pesar,
pois nom tornou migo falar.*

Porque tarda tam muito lá
e nunca me tornou veer,
amiga, s'i veja prazer,
mais de mil vezes cuidei já
que algur morreu com pesar,

pois nom tornou migo falar.

Amiga, o coração seu
era de tornar ced'aqui,
u visse os meus olhos em mi,
e por em mil vezes cuid'eu
que algur morreu com pesar,
pois nom tornou migo falar.

Que trist'hoj'é meu amigo...

Que trist'hoj'é meu amigo,
amiga, no seu coração,
ca nom pôde falar migo
nem veer-m', e faz gram razom
meu amigo de trist'andar,
por m'el nom ver e lh'eu nembrar.

Trist'anda, se Deus mi valha,
ca non me viu, e dereit'é;
e por esto faz sem falha
mui gram razom, per bõa fé,
meu amigo de trist'andar,
por m'el nom ver e lh'eu nembrar.

D'andar triste faz guisado,
ca o nom vi, nem viu el mi,
nem ar oíu meu mandado;
e por em faz gram dereit'i
meu amigo de trist'andar,
por m'el nom ver e lh'eu nembrar.

Mais, Deus, como pode durar,
que já nom morreu com pesar?

Dos que ora som na hoste...

Dos que ora som na hoste,
amiga, querria saber
se se verram tard'ou toste,
por quanto vos quero dizer:
porque é lá meu amigo.

Querria saber mandado
dos que alá som, ca o nom sei,
amiga, par Deus, de grado,
por quanto vos ora direi:
porque é lá meu amigo.

E queredes que vos diga?
Se Deus bom mandado mi dê,
querria saber, amiga,
deles novas, vedes porquê:
porque é lá meu amigo.

Ca por al nom, vo-lo digo.

Que muit'há já que nom vejo...

Que muit'há já que nom vejo
mandado do meu amigo,
pero, amiga, pôs migo
bem aqui u mi ora seja
*que logo m'enviaria
mandad' ou s'ar tornaria.*

Muito mi tarda, sem falha,
que nom vejo seu mandado,
pero houve m'el jurado
bem aqui, se Deus mi valha,
*que logo m'enviaria
mandad' ou s'ar tornaria.*

E que vos verdade diga:
el seve muito chorando,
er seve por mi jurando,
u m'agora sej', amiga,
*que logo m'enviaria
mandad' ou s'ar tornaria.*

Mais pois nom vem, nem envia
mandad', é mort'ou mentia.

Chegou-m'ora aqui recado...

Chegou-m'ora aqui recado,
amiga, do voss'amigo,
e aquel que falou migo
diz-mi que é tam coitado
*que per quanta poss'havedes
já o guarir nom podedes.*

Diz que hoje, tercer dia,
bem lhi partírades morte
mais houv'el coita tam forte
e tam coitad'er jazia
*que per quanta poss'havedes
já o guarir nom podedes.*

Com mal que lhi vós fezestes
jurou-m', amiga fremosa,
que, pero vós poderosa
fostes d'el quanto quisestes,
*que per quanta poss'havedes
já o guarir nom podedes.*

E gram perda per fazedes
u tal amigo perdedes.

O meu amig', amiga, nom quer' eu...

O meu amig', amiga, nom quer' eu
que haja gram pesar nem gram prazer,
e quer' eu este preit' assi trager
ca m'atrevo tanto no feito seu:
*nom o quero guarir nem o matar,
nem o quero de mi desasperar.*

Ca se lh'eu amor mostrasse, bem sei
que lhi seria end' a tam gram bem
que lh'haveriam d'entender por em
qual bem mi quer, e por em esto farei:
*nom o quero guarir nem o matar,
nem o quero de mi desasperar.*

E se lhi mostrass' algum desamor

nom se podia guardar de morte
tant' haveria em coita forte;
mais por eu nom errar end' o melhor,
nom o quero guarir nem o matar,
nem o quero de mi desasperar.

E assi se pode seu tempo passar
quando com prazer, quando com pesar.

Amiga, bom grad'haja Deus...

Amiga, bom grad'haja Deus
do meu amigo_ que a mi vem
mais pode des creer mui bem
quando o vir dos olhos meus,
que poss'aquel dia veer
que nunca vi maior prazer.

Haja Deus ende bom grado
porque o faz viir aqui
mais pode des creer por mi
quand'eu vir o namorado
que poss'aquel dia veer
que nunca vi maior prazer.

Vós, que vos em vossos cantares meu...

Vós, que vos em vossos cantares meu
amigo chamades, creede bem
que nom dou eu por tal enfinta rem
e por aquesto, senhor, vos mand'eu
que bem quanto quiserdes des aqui
fazer, façades enfinta de mi.

Ca demo lev'essa rem que eu der
por enfinta fazer ou mentir al
de mim, ca me nom monta bem nem mal,
e por aquesto vos mand'eu, senhor,
que bem quanto quiserdes des aqui
fazer, façades enfinta de mi.

Ca mi nom tolh'a mi rem, nem mi dá,

de s'enfingar de mi mui sem razom
ao que eu nunca fiz se mal nom,
e por em, senhor, vos mand'ora já
*que bem quanto quiserdes des aqui
fazer, façades enfinta de mi.*
E estade com'estades de mi
e enfingede-vos bem des aqui.

Roga-m'hoje, filha, o voss'amigo...

Roga-m'hoje, filha, o voss'amigo
muit'aficado que vos rogasse
que de vos amar nom vos pesasse
e por em vos rogu'e vos castigo
*que vos nom pês de vos el bem querer
mais nom vos mand'i, filha, mais fazer.*

El m'estava em vós falando
e m'esto que vos digo rogava;
doí-me d'el, tam muito chorava,
e por em, filha, rogu'e mando
*que vos nom pês de vos el bem querer
mais nom vos mand'i, filha, mais fazer.*

Ca de vos el amar de coração
nom vej'eu rem que vós i percades,
sem i mais haver, mais ganhades,
e por esto, pola mia bẽnçom,
*que vos nom pês de vos el bem querer
mais nom vos mand'i, filha, mais fazer.*

Pesar mi fez meu amigo...

Pesar mi fez meu amigo,
amiga, mais sei eu que nom
cuidou el no seu coração
de mi pesar, ca vos digo
*que ant'el querria morrer
ca mi sol um pesar fazer.*

Nom cuidou que mi pesasse
do que fez, ca sei eu mui bem

que do que foi nom fora rem;
por em sei, se em cuidasse,
*que ant'el querria morrer
ca mi sol um pesar fazer.*

Feze-o por encoberta,
ca sei que se fora matar
ante que a mi fazer pesar,
e por esto são certa
*que ant'el querria morrer
ca mi sol um pesar fazer.*

Ca de morrer ou de viver
sab'el ca x'é no meu poder.

Amiga, sei eu bem d'unha molher...

Amiga, sei eu bem d'unha molher
que se trabalha de vosco buscar
mal a voss'amigo po-lo matar;
mais tod'aquest', amiga, ela quer
*porque nunca com el pôde poer
que o podesse por amig'haver.*

E busca-lhi convosco quanto mal
ela mais pode, a questo sei eu;
e tod'aquest'ela faz polo seu
e por este preit', e nom por al,
*porque nunca com el pôde poer
que o podesse por amig'haver.*

Ela trabalha-se a gram sazom
de lhi fazer o vosso desamor
haver e há ende mui gram sabor;
e tod'aquest', amiga, nom é senom
*porque nunca com el pôde poer
que o podesse por amig'haver.*

(E) por esto faz ela seu poder
para fazê-lo convosco perder.

O voss'amigo tam de coraçom...

O voss'amigo tam de coraçom
pom ele em vós seus olhos e tam bem,
par Deus, amiga, que nom sei eu quem
o verá que nom entenda que nom
*pod'el poder haver d'haver prazer
de nulha rem senom de vos veer.*

E quem bem vir com'el seus olhos pom
em vós, amiga, quand'ante vós vem,
se xi nom for mui minguado de sem,
entender pode d'el mui bem que nom
*pod'el poder haver d'haver prazer
de nulha rem senom de vos veer.*

E quand'el vem u vós sodes, razom
quer el catar que s'encobra; e tem
que s'encobre, pero nom lhi val rem
ca nos seus olhos entendem que nom
*pod'el poder haver d'haver prazer
de nulha rem senom de vos veer.*

Com'ousará parecer ante mi...

Com'ousará parecer ante mi
o meu amigo, ai amiga, por Deus,
e com'ousará catar estes meus
olhos se o Deus trazer per aqui,
*pois tam muit'há (que) nom veo veer
mi e meus olhos e meu parecer?*

Amiga, ou como s'atreverá
de m'ousar sol dos seus olhos catar
se os meus olhos vir um pouc'alçar,
ou no coraçom como o porrá,
*pois tam muit'há (que) nom veo veer
mi e meus olhos e meu parecer?*

Ca sei que nom terrá el por razom,
como quer que m'haja mui grand'amor,
de m'ousar veer, nem chamar senhor,

nem sol nom o porrá no coração,
*pois tam muit'há (que) nom veo veer
mi e meus olhos e meu parecer.*

–Em grave dia, senhor, que vos oí...

Em grave dia, senhor, que vos oí
falar e vos virom estes olhos meus!
– Dized'amigo que poss'eu fazer i,
em aqieste feito, se vos valha Deus.
– *E faredes mesura contra mi, senhor?*
– *Farei, amigo, fazend'eu o melhor.*

– U vos em tal ponto eu oí falar,
senhor, que nom pude depois bem haver!
– Amigo, quero-vos ora preguntar
que mi digades o que poss'i fazer?
– *E faredes mesura contra mi, senhor?*
– *Farei, amigo, fazend'eu o melhor.*

Des que vos vi e vos oí falar, nom
vi prazer, senhor, nem dormi, nem folguei!
– Amigo, dize, se Deus vos pardom,
o que eu i faça ca eu nom o sei?
E faredes mesura contra mi, senhor?
– *Farei, amigo, fazend'eu o melhor.*

O voss'amig', amiga, vi andar...

O voss'amig', amiga, vi andar
tam coitado que nunca lhi vi par,
que adur mi podia já falar,
pero quando me viu disse-m'assi:
*Ai, senhor, id'a mia senhor rogar
por Deus que haja mercee de mi....*

El andava trist'e mui sem sabor,
como quem é tam coitado d'amor
e perdudo o sem e a color,
pero quando me viu disse-m'assi:
*Ai, senhor, id'a mia senhor rogar
por Deus que haja mercee de mi....*

El, amiga, achei eu andar tal
como morto, ca é descomunal
o mal que sofr'e a coita mortal,
pero quando me viu disse-m'assi:
Ai, senhor, id'a mia senhor rogar
por Deus que haja mercee de mi....

– Dizede por Deus amigo...

– Dizede por Deus amigo:
tamanho bem me queredes
como vós a mi dizedes?
– Si, senhor, e mais vos digo:
nom cuido que hoj'home quer
tam gram bem no mund'a molher.

– Nom creio que tamanho bem
mi vós podéssedes querer
camanh'a mi ides dizer.
– Si, senhor, e mais direi em:
nom cuido que hoj'home quer
tam gram bem no mund'a molher.

– Amigu'eu nom vos creerei,
fé que dev'a Nostro Senhor,
que m'havedes tam grand'amor!
– Si, senhor, e mais vos direi:
nom cuido que hoj'home quer
tam gram bem no mund'a molher.

- Nom poss'eu, meu amigo...

- Nom poss'eu, meu amigo,
com vossa soidade
viver, bem vo-lo digo,
e por esto morade,
amigo, u mi possades
falar e me vejades.

Nom poss'u vos nom vejo
viver, bem o creede,

tam muito vos desejo,
e por esto vivede,
*amigo, u mi possades
falar e me vejades.*

Naci em forte ponto;
e, amigo, partide
o meu gram mal sem conto,
e por esto guaride,
*amigo, u mi possades
falar e me vejades.*

- Guarrei, bem o creades,
senhor, u me mandardes.

Por Deus, amigo, quem cuidaria...

Por Deus, amigo, quem cuidaria
que vós nunca houvésedes poder
de tam longo tempo sem mi viver!
E des oimais, par Santa Maria,
*nunca mulher deve, bem vos digo,
muit'a creer per juras d'amigo.*

Dissestes-m' u vos de mim quitastes:
Log'aqui serei convosco, senhor...;
e jurastes-mi polo meu amor
e des oimais pois vós perjurastes,
*nunca mulher deve, bem vos digo,
muit'a creer per juras d'amigo.*

Jurastes-m' entom muit'aficado
que logo logo, sem outro tardar,
vos queríades pera mi tornar,
e des oimais, meu perjurado,
*nunca mulher deve, bem vos digo,
muit'a creer per juras d'amigo.*

E assi farei eu, bem vos digo,
por quanto vós passastes comigo.

O meu amigo há de mal assaz...

O meu amigo há de mal assaz
tant', amiga, que muito mal per é
que no mal nom há mais, per bõa fé,
e tod'aquesto vedes que lh'o faz:
*porque nom cuida de mi bem haver
viv'em coita, coitado por morrer.*

Tanto mal sofre, se Deus mi perdom,
que já eu, amiga, d'el doo hei,
e, per quanto de sa fazenda sei,
tod'este mal é por esta razom:
*porque nom cuida de mi bem haver
viv'em coita, coitado por morrer.*

Morrerá desta, u nom pode haver al,
que toma em si tamanho pesar
que se nom pode de morte guardar;
e, amiga, vem-lhi tod'este mal
*porque nom cuida de mi bem haver
viv'em coita, coitado por morrer.*

Ca se cuidasse de mi bem haver,
ant'el querria viver ca morrer.

Meu amigo, nom poss'eu guarecer...

Meu amigo, nom poss'eu guarecer
sem vós nem vós sem mi; e que será
de vós? Mais Deus, que end'o poder há,
lhi rogu'eu que ele queira escolher
*por vós, amigo, e desi por mi,
que nom moirades vós, nem eu assi*

Como morremos, ca nom há mester
de tal vida havermos de passar,
ca mais nos valrria de nos matar
mais Deus escolha, se a el prouguer,
*por vós, amigo, e desi por mi,
que nom moirades vós nem eu assi*

Como morremos, ca ena maior

coita do mund'ou ena mais mortal
vivemos, amigo, e no maior mal,
mais Deus escolha, se a el prouguer,
por vós, amigo, e desi por mi,
que nom moirades vós, nem eu assi

Como morremos, ca per bõa fé
mui gram temp'há que este mal passou
per nós, e passa, e muito durou;
mais Deus escolha, como quem ele é,
por vós, amigo, e desi por mi,
que nom moirades vós, nem eu assi

Como morremos, e Deus ponha i
conselh', amigo, a vós e a mi.

Que coita houvestes, madr'e senhor...

Que coita houvestes, madr'e senhor,
de me guardar, que nom possa veer
meu amigu'e meu bem e meu prazer!
Mais, se eu posso, par Nostro Senhor,
que o veja e lhi possa falar,
guisar-lhe-ei e pês a quem pesar.

Vós fezestes todo vosso poder,
madre e senhor, de me guardar que nom
visse meu amigu'e meu coração!
Mais, se eu posso, a todo meu poder,
que o veja e lhi possa falar,
guisar-lhe-ei e pês a quem pesar.

Mia morte quisestes, madr', e nom al
quand'aguisastes que per nulha rem
eu nom viss'o meu amigu'e meu bem!
Mais, se eu posso, u nom pod'haver al,
que o veja e lhi possa falar,
guisar-lhe-ei e pês a quem pesar.

E se eu, madr', esto poss'acabar
o al passe como poder passar.

Amigo fals'e desleal...

Amigo fals'e desleal,
que prol há de vos trabalhar
d' em a ma mercee cobrar,
ca tanto o trouxestes mal
*que nom hei de vos bem fazer
pero m'eu quisesse poder.*

Vós trouxestes o preit'assi
come quem nom é sabedor
de bem nem de prez nem d'amor,
e porem creede per mi
*que nom hei de vos bem fazer
pero m'eu quisesse poder.*

(Vós) caestes em tal cajom
que sol conselho nom vos sei,
ca já vos eu desemparei
em guisa, se Deus mi pardom,
*que nom hei de vos bem fazer
pero m'eu quisesse poder.*

Meu amigo vem hoj'aqui...

Meu amigo vem hoj'aqui
e diz que quer migo falar,
e sab'el que mi faz pesar,
madre, pois que lhi eu defendi
*que nom fosse per nulha rem,
per u eu foss', e ora vem*

Aqui, e foi pecado seu
de sol poner no coração,
madre, passar mia defensom,
ca sab'el que lhi mandei eu
*que nom fosse per nulha rem,
per u eu foss', e ora vem*

Aqui, u eu com el falei
per ante vós, madr'e senhor;
e oimais perde meu amor

pois lh'eu defendi e mandei
que nom fosse per nulha rem,
per u eu foss', e ora vem

Aqui, madr', e pois fez mal sem,
dereit' é que perca meu bem.

Quisera vosco falar de grado...

Quisera vosco falar de grado,
ai meu amigu' e meu namorado,
mais nom ous'hoj'eu convosc'a falar,
ca hei mui gram medo do irado;
irad'haja Deus quem me lhi foi dar.

Em cuidados de mil guisas travo
por vos dizer o com que m'agravo;
mais nom ous'hoj'eu convosc'a falar,
ca hei mui gram medo do mal bravo;
mal brav'haja Deus quem me lhi foi dar.

Gram pesar hei, amigo, sofrudo
por vos dizer meu mal ascondudo;
mais nom ous'hoj'eu convosc'a falar,
ca hei mui gram medo do sanhudo;
sanhud'haja Deus quem me lhi foi dar.

Senhor do meu coração, cativo
sodes em eu viver com que vivo;
mais nom ous'hoj'eu convosc'a falar,
ca hei mui gram medo do esquivo;
esquiv'haja Deus quem me lhi foi dar.

Vi-vos, madre, com meu amig'aqui...

Vi-vos, madre, com meu amig'aqui
hoje falar, e houv'em gram prazer
porque o vi de cabo vós erguer
led', e tenho que mi faz Deus bem i,
ca, pois que s'el ledo partiu d'aquem,
nom pôde seer senom por meu bem.

Ergueu-se ledo e riio já, o que
mui gram temp'há que el nom fez,
mais, pois já esto passou esta vez,
fiqu'end'eu leda, se Deus bem mi dê,
*ca, pois que s'el ledo partiu d'aquem,
nom pôde seer senom por meu bem.*

El pôs os seus olhos nos meus entom
quando vistes que xi vos espediu,
e tornou contra vós led'e rijo
e por end'hei prazer no coração,
*ca, pois que s'el ledo partiu d'aquem,
nom pôde seer senom por meu bem.*

E pero m'eu da fala nom sei rem,
de quant'eu vi, madr', hei gram prazer em.

Gram temp'há, meu amigo, que nom quis Deus...

Gram temp'há, meu amigo, que nom quis Deus
que vos veer podesse dos olhos meus,
e nom pom com tod'esto em mi os seus
olhos mia madr', amigu', e pois est assi
*guisade de nos irmos, por Deus, daqui,
e faça mia madre o que poder desi.*

Nom vos vi há gram tempo, nem se guisou,
ca o partiu mia madr' a quem pesou
daqueste preit'e pesa, e mi guardou
que vos nom viss', amigu', e pois est assi
*guisade de nos irmos, por Deus, daqui,
e faça mia madre o que poder desi.*

Que vos nom vi há muit'e nulha rem
nom vi des aquel tempo de nenhum bem,
ca o partiu mia madr'e fez por em
que vos nom viss'amigu'e, pois est assi,
*guisade de nos irmos, por Deus, daqui,
e faça mia madre o que poder desi.*

E se nom guisardes mui ced'assi,
matades vós, amigu', e matades mi.

De morrerdes por mi gram dereit' é...

De morrerdes por mi gram dereit' é,
amigo, ca tanto paresqu' eu bem
que desto mal grad' hajades vós em
e Deus bom grado, ca, per bõa fé
*nom é sem guisa de por mi morrer
quem mui bem vir este meu parecer.*

De morrerdes por mi nom vos dev' eu
bom grado poer, ca esto fará quem quer
que bem cousir parecer de molher;
e, pois mi Deus este parecer deu,
*nom é sem guisa de por mi morrer
quem mui bem vir este meu parecer.*

De vós por mi amor assi matar
nunca vos d' esto bom grado direi
e, meu amigo, mais vos eu direi,
pois me Deus quis este parecer dar:
*nom é sem guisa de por mi morrer
quem mui bem vir este meu parecer*

Que mi Deus deu, e podedes creer
que nom hei rem que vos i agradecer.

O voss' amig', ai amiga...

O voss' amig', ai amiga,
de que vós muito fiades,
tanto quer' eu que sabiades
que unha que Deus maldiga,
*vo-lo tem louqu' e tolheito,
e moir' end' eu com despeito.*

Nom hei rem que vos asconda
nem vos será encoberto,
mais sabede bem por certo
que unha que Deus cofonda
*vo-lo tem louqu' e tolheito,
e moir' end' eu com despeito.*

Nom sei molher que se pague
de lh'outras o seu amigo
filhar, e por em vos digo
que unha que Deus estrague
vo-lo tem louqu'e tolheito,
e moir'end'eu com despeito.

E faço mui gram dereito
pois quero vosso proveito.

Ai, fals'amigu'e sem lealdade...

Ai, fals'amigu'e sem lealdade,
ora vej'eu a gram falsidade
com que mi vós há gram temp'andastes
ca doutra sei eu já por verdade
a que vós a tal pedra lançastes.

Amigo fals'e muit'encoberto,
ora vej'eu o gram maldeserto
com que mi vós há gram temp'andastes,
ca doutra sei eu já bem por certo,
a que vós a tal pedra lançastes.

Ai, fals'amigu', eu nom me temia
do gram mal e da sabedoria
com que mi vós há gram temp'andastes,
ca doutra sei eu que o bem sabia,
a que vós a tal pedra lançastes.

E de colherdes razom seria
da falsidade que semeastes.

Meu amig', u eu seja...

Meu amig', u eu seja
nunca perco desejo
senom quando vos vejo,
e por em vivo coitada
com este mal sobejo
que sofr'eu, bem talhada.

Viver que sem vós seja
sempr'o meu cor deseja
vós, até que vos veja,
e por em vivo coitada
com gram coita sobeja
que sofr'eu, bem talhada.

Nom é senom espanto,
u vos nom vejo, quanto
hei deseje e quebranto,
e por em vivo coitada
com aqeste mal tanto
que sofr'eu, bem talhada.

Por Deus, punhade de veerdes meu...

Por Deus, punhade de veerdes meu
amig', amiga, que aqui chegou
e dizede-lhi, pero me foi greu,
o que m'el já muitas vezes rogou:
*que lhi faria end'eu o prazer
mais tolhe-m'ende mia madr'o poder.*

De o veerdes agradecer-vo-lo-ei
ca sabedes quant'há que me serviu,
e dizede-lhi, pero lh'estranhei,
o qu'el me rogou cada que me viu:
*que lhi faria end'eu o prazer
mais tolhe-m'ende mia madr'o poder.*

De o veerdes gram prazer hei i
pois do meu bem desasperad'está;
por end'amiga dizede-lh'assi:
que o que m'el por vezes rogou já,
*que lhi faria end'eu o prazer
mais tolhe-m'ende mia madr'o poder.*

E por aqesto nom hei eu poder
de fazer a mim nem a el prazer.

Amigo, pois vos nom vi...

Amigo, pois vos nom vi,
nunca folguei nem dormi,
mais ora já des aqui
que vos vejo folgarei
e veerei prazer de mi
pois vejo quanto bem hei.

Pois vos nom pudi veer
jamais nom houvi lezer
e, u vos Deus nom quis trager,
que vos vejo, folgarei
e veerei de mim prazer
pois vejo quanto bem hei.

Des que vos nom vi, de rem
nom vi prazer e o sem
perdi, mais, pois que mi avem
que vos vejo, folgarei
e veerei todo meu bem
pois vejo quanto bem hei.

De vos veer a mim praz
tanto que muito_e assaz,
mais u m'este bem Deus faz,
que vos vejo, folgarei
e haverei gram solaz
pois vejo quanto bem hei.

Pois que diz meu amigo...

Pois que diz meu amigo
que se quer ir comigo,
pois qu' a el praz
praz a mi, bem vos digo,
est'é o meu solaz.

Pois diz que todavia
nos imos nossa via,
pois qu' a el praz,
praz-m'e vej'i bom dia,

est' é o meu solaz.

Pois m'ende levar vejo
que est' é o seu desejo,
pois qu' a el praz,
praz-mi muito sobejo
est' é o meu solaz.

Por Deus, amiga, pês-vos do gram mal...

Por Deus, amiga, pês-vos do gram mal
que dizend'and'aquel meu desleal,
ca diz de mi e de vós outro tal,
andand'a muitos, que lhi fiz eu bem,
e que vós soubestes tod' este mal,
de que eu nem vós nom soubemos rem.

De vos em pesar é mui gram razom,
ca dizend'anda mui gram traiçom
de mim e de vós, se Deus mi perdom,
u se louva de mim que lhi fiz bem,
e que vós soubestes end'a razom,
de que eu nem vós nom soubemos rem.

De vos em pesar dereito per é,
ca diz de mim gram mal, per bõa fé,
e de vós, amiga, cada u s' é
falando; ca diz que lhi fiz eu bem
e ca vós soubestes todo com' é,
de que eu nem vós nom soubemos rem.

Falou-m'hoj' o meu amigo...

Falou-m'hoj' o meu amigo
mui bem e muit' humildoso
no meu parecer fremoso,
amiga que eu hei migo,
mais pero tanto vos digo:
que lhi nom tornei recado
ond' el ficasse pagado.

Disse-m'el, amiga, quanto

m'eu melhor ca el sabia:
que de quam bem parecia
que tod'era seu quebranto,
mais pero sabede tanto:
*que Ihi nom tornei recado
ond'el ficasse pagado.*

Disse-m'el: Senhor, creede
que a vossa fremosura
mi faz gram mal sem mesura,
por em de mi vos doede....
Pero, amiga, sabede
*que Ihi nom tornei recado
ond'el ficasse pagado.*

E foi-s'end'el tam coitado
que tom'end'eu já cuidado.

Nom sei hoj', amigo, quem padecesse...

Nom sei hoj', amigo, quem padecesse
coita qual padesco que nom morresse,
senom eu, coitada, que nom nacesse,
porque vos nom vejo com'eu queria;
e quisesse Deus que m'escaecesse
vós que vi, amigo, em grave dia.

Nom sei, amigo, molher que passasse
coita qual eu passo que já durasse
que nom morress' ou desasperasse,
porque vos nom vejo com'eu queria;
e quisesse Deus que me nom nembrasse
vós que vi, amigo, em grave dia.

Nom sei, amigo, quem o mal sentisse
que eu senço que o sol encobrisse
senom eu, coitada, que Deus maldisse
porque vos nom vejo com'eu queria
e quisesse Deus que nunca eu visse
vós que vi, amigo, em grave dia.

Bom dia vi amigo...

Bom dia vi amigo
pois seu mandad'hei migo,
louçana.

Bom dia vi amado
pois migu'hei seu mandado,
louçana.

Pois seu mandad'hei migo
rogu'eu a Deus e digo,
louçana.

Pois migu'hei seu mandado
rogu'eu a Deus de grado,
louçana.

Rogu'eu a Deus e digo
por aquel meu amigo,
louçana.

Rogu'eu a Deus de grado
por aquel meu amado,
louçana.

Por aquel meu amigo
que o veja comigo,
louçana.

Por aquel namorado
que fosse já chegado,
louçana.

Nom chegou, madr', o meu amigo...

Nom chegou, madr', o meu amigo,
e hoj'est o prazo saído,
Ai madre, moiro d'amor!

Nom chegou, madr', o meu amado,
e hoj'est o prazo passado.

Ai madre, moiro d'amor!

E hoj'est o prazo saído,
por que mentio o desmentido.

Ai madre, moiro d'amor!

E hoj'est o prazo passado,
por que mentio o perjurado.

Ai madre, moiro d'amor!

Por que mentio o desmentido,
pesa-mi, pois per si é falido.

Ai madre, moiro d'amor!

Por que mentio o perjurado,
pesa-mi, pois mentio per seu grado.

Ai madre, moiro d'amor!

– De que morredes, filha, a do corpo velido?...

– De que morredes, filha, a do corpo velido?

– Madre, morro d'amores que mi deu meu amigo.

Alva, e vai liero.

– De que morredes, filha, a do corpo louçano?

– Madre, moiro d'amores que mi deu meu amado.

Alva, e vai liero.

Madre, morro d'amores que mi deu meu amigo
quando vej'esta cinta que por seu amor cingo.

Alva, e vai liero.

Madre, morro d'amores que mi deu meu amado
quando vej'esta cinta que por seu amor trago.

Alva, e vai liero.

Quando vej'esta cinta que por seu amor cingo
e me nembra, fremosa, como falou comigo.

Alva, e vai liero.

Quando vej'esta cinta que per seu amor trago
e me nembra, fremosa, como falámos ambos.

Alva, e vai liero.

Ai flores, ai flores do verde pino...

Ai flores, ai flores do verde pino,
se sabedes novas do meu amigo!
Ai Deus, e u é?

Ai flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado!
Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo,
aquele que mentiu do que pôs comigo?
Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amado,
aquele que mentiu do que m'há jurado,
Ai Deus, e u é?

Vós me perguntades polo voss'amigo?
E eu bem vos digo que é san' e vivo.
Ai Deus, e u é?

Vós me perguntades polo voss'amado?
E eu bem vos digo que é viv' e sano
Ai Deus, e u é?

E eu bem vos digo que é san' e vivo,
e será vosc' ant' o prazo saído.
Ai Deus, e u é?

E eu bem vos digo que é viv' e sano,
e será vosc' ant' o prazo passado.
Ai Deus, e u é?

Levantou s'a velida...

Levantou s'a velida,
levantou-s'alva,
e vai lavar camisas
eno alto.
Vai-las lavar alva.

Levantou-s'a louçana,

levantou-s'alva,
e vai lavar delgadas
eno alto.
Vai-las lavar alva.

E vai lavar camisas,
levantou-s'alva;
o vento lh'as desvia
eno alto.
Vai-las lavar alva.

E vai lavar delgadas,
levantou-s'alva;
o vento lh'as levava
eno alto.
Vai-las lavar alva.

O vento lh'as desvia,
levantou-s'alva;
meteu-s'alva em ira
eno alto.
Vai-las lavar alva.

O vento lh'as levava,
levantou-s'alva;
meteu-s'alva em sanha,
eno alto.
Vai-las lavar alva.

Amad'e meu amigo...

Amad'e meu amigo,
valha Deus!
Vede la frol do pinho
e guisade d'andar.

Amigu'e meu amado,
valha Deus!
Vede la frol do ramo
e guisade d'andar.

Vede la frol do pinho,
valha Deus!
Selad' o baiozinho
e guisade d'andar.

Vede la frol do ramo,
valha Deus!
Selad' o bel cavalo
e guisade d'andar.

Selad' o baiozinho,
valha Deus!
Treide-vos, ai amigo,
e guisade d'andar.

(Selad' o bel cavalo,
valha Deus!
Treide-vos, ai, amado,
e guisade d'andar.)

Pera veer meu amigo...

Pera veer meu amigo
que talhou preito comigo,
alá vou, madre.

Pera veer meu amado,
que mig'há preito talhado,
alá vou, madre.

Que talhou preito comigo,
é por esto que vos digo:
alá vou, madre.

Que mig'há preito talhado,
é por esto que vos falo:
alá vou, madre.

Mia madre velida...

Mia madre velida,
vou-m'a la bailia

do amor.

Mia madre loada,
vou-m'a la bailada
do amor.

Vou-m'a la bailia
que fazem em vila
do amor.

Vou-m'a la bailada
que fazem em casa
do amor.

Que fazem em vila
do que eu bem queria,
do amor.

Que fazem em casa
do que eu muit'amava,
do amor.

Do que eu bem queria;
chamar-m'am garrida
do amor.

Do que eu muit'amava;
chamar-m'am perjurada
do amor.

– Amiga, faço-me maravilhada...

– Amiga, faço-me maravilhada
como pode meu amigo viver
u os meus olhos nom (o) podem veer,
ou como pod'alá fazer tardada,
ca nunca tam gram maravilha vi,
poder meu amigo viver sem mi,
e, par Deus, é cousa mui desguisada.

– Amiga, estad' ora calada
um pouco e leixad'a mim dizer,
per quant'eu sei cert'e poss'entender:

nunca no mundo foi molher amada
como vós de voss'amigu'; e assi,
se el tarda, sol nom é culpád'i,
se nom, eu quer'em ficar por culpada.

– Ai amiga, eu ando tam coitada
que sol nom poss'em mi tomar prazer,
cuidand'em como se pode fazer
que nom é já comigo de tornada;
e, par Deus, por que o nom vej'aqui,
que é morto gram suspeita tom'i,
e, se mort' é, mal dia eu fui nada.

– Amiga fremosa e mesurada,
nom vos digu'eu que nom pode seer
voss'amigo, pois hom' é, de morrer,
mais, par Deos, nom sejades sospetada
d'outro mal d'el, ca, des quand'eu naci,
nunca d'outr'home tam leal oí
falar; e quem end'al diz, nom diz nada.

– **Amigo, queredes-vos ir?...**

– Amigo, queredes-vos ir?
– Si, mia senhor, ca nom poss'al
fazer ca seria meu mal
e vosso; por end'a partir
mi convem daqueste logar.
– Mais que gram coita d'endurar
mi será, pois m' é sem vós vir!

Amigu', e de mim que será?
– Bem, senhor bõa, e de prez;
e pois m'eu for daquesta vez
o vosso mui bem se passará,
mais morte m' é de m'alongar
de vós e ir-m'alhur morar.
– Mais, pois é vós ãa vez já!

Amigu', eu sem vós murrerei.
– Nom o querrá Deus esso, senhor,
mais pois u vós fordes nom for
o que murrerá eu serei;

mais quer'eu ant'o meu passar
ca_assi do voss'aventurar,
ca eu sem vós de morrer hei!

Queredes-m', amigo, matar?
– Nom, mia senhor, mais por guardar
vós mato-mi, que m'ó busquei.

Valer-vos-ia, amigo, se hoj'...

Valer-vos-ia, amigo, se hoj'
eu ousasse, mais vedes quem
m'ó tolhe daquest' e nom al:
mia madre, que vos há mortal
desamor; e com este mal
de morrer nom mi pesaria.

Valer-vos-ia, par Deus, meu bem,
se eu ousasse, mais vedes quem
me tolhe de vos nom valer:
mia madr' é que end'(há) o poder
e vos sabe gram mal querer
e por em mia morte querria.

Chegou-m'amiga recado...

Chegou-m'amiga recado
daquel que quero gram bem,
que pois que viu meu mandado
quanto pode viir vem;
e and'eu leda por em
e faço muit'aguisado.

El vem por chegar coitado
ca sofre gram mal d'amor;
er anda muit'alongado
d'haver prazer nem sabor
senom ali u eu for,
u é todo seu cuidado.

Por quanto mal há levado,
amiga, razom farei

de lhi dar end'algum grado,
pois vem, como lh'eu mandei,
e logu'el será, bem sei,
do mal guarid'e cobrado,

E das coitas que lh'eu dei
des que foi meu namorado.

Coitada viv', amigo, porque vos nom vejo...

Coitada viv', amigo, porque vos nom vejo,
e vós vivedes coitad'e com gram desejo
de me veer e mi falar, e por em sejo
sempr'em coita tam forte
que nom m'é senom morte
como quem viv', amigo, em tam gram desejo.

Por vos veer, amigo, vivo tam coitada
e vós por me veer que oimais nom é nada
a vida que fazemos; e maravilhada
são de como vivo sofrendo tam esquivo
mal, ca mais mi valrria de nom seer nada.

Por vos veer, amigo, nom sei quem sofresse
tal coita qual eu sofr'e vós que nom morresse;
e com aquestas coitas eu, que nom nacesse,
nom sei de mim que seja
e da mort'hei enveja
a tod'home ou molher que já morresse.

Amiga, quem vos (ama)...

Amiga, quem vos (ama)
(e por vós) é coitado
e se por vosso chama
des que foi namorado,
nom viu prazer, sei-o eu,
(e) por em já morrerá
e por aquesto m'é greu.

Aquel que coita forte
houve des aquel dia

que vos el viu, que morte
lh' é, par Santa Maria,
nunca viu prazer, nem bem,
(e) por em já morrerá
(e) a mim pesa muit' em.

Vai-s' o meu amig' alhur sem mim morar...

Vai-s' o meu amig' alhur sem mim morar,
e, par Deus, amiga, hei end' eu pesar
porque s' ora vai e no meu coração
tamanho qu' esto nom é de falar,
ca lho defendi e faço gram razom.

Defendi-lh' eu que se nom fosse daqui,
ca todo meu bem perderia per i,
e ora vai-s' e faz-mi gram traiçom,
e des oimais nom sei que seja de mi
nem vej' i, amiga, se morte nom.

Praz-m' a mi, senhor, de morrer...

Praz-m' a mi, senhor, de moirer
e praz-m' ende por vosso mal,
ca sei que sentiredes qual
míngua vos pois hei-de fazer;
ca nom perde pouco senhor
quando perde tal servidor
qual perdedes em me perder.

E com mia mort' hei eu prazer
porque sei que vos farei tal
míngua qual fez homem leal
o mais que podia seer
a quem ama, pois morto for;
e fostes vós mui sabedor
d' eu por vós a tal mort' haver.

E, pero que hei-de sofrer
a morte mui descomunal,
com mia mort' oimais nom m' em chal,
por quanto vos quero dizer:

ca meu serviç'e meu amor
será-vos d'escusar peor
que a mim d'escusar viver.

E certo podedes saber
que, pero s' o meu tempo sal
per morte, nom há já i al
que me nom quer end'eu doer
porque a vós farei maior
míngua que fez Nostro Senhor
de vassal'a senhor prender.

Oimais quer'eu já leixá-lo trobar...

Oimais quer'eu já leixá-lo trobar
e quero-me deseparar d'amor,
e quer'ir algunha terra buscar
u nunca possa seer sabedor
ela de mi nem eu de mia senhor,
pois que lh'é d'eu viver aqui pesar.

Mais Deus! que grave cousa d'endurar
que a mim será ir-me d'u ela for;
ca sei mui bem que nunca poss'achar
nenhũa cousa ond'haja sabor
senom da morte; mais ar hei pavor
de m'a nom querer Deus tam cedo dar.

Mais se fez Deus a tam gram coita par
come a de que serei sofredor,
quando m'agora houver d'alongar
d'aquesta terra u est a melhor
de quantas som, e de cujo loor
nom se pode per dizer acabar.

Se hoj'em vós há nenhum mal, senhor...

Se hoj'em vós há nenhum mal, senhor,
mal mi venha daquel que pod' e val
se nom que matades mi, pecador,
que vos servi sempr' e vos fui leal
e serei já sempr', enquant'eu viver,

e, senhor, nom vos venh' esto dizer
polo meu, mais porqu'a vos está mal.

Ca, par Deus, mal vos per está, senhor
desi é cousa mui descomunal
de matades mim, que merecedor
nunca vos foi de mort', e pois que al
de mal nunca Deus em vós quis poer,
por Deus, senhor, nom queirades fazer
em mim agora que vos estê mal.

Que razom cuidades vós, mia senhor...

Que razom cuidades vós, mia senhor,
dar a Deus, quand'ant'El fordes, por mi
que matades, que vos nom mereci
outro mal senom que vos hei amor
aquele maior que vo-l'eu poss'haver,
ou que salva lhi cuidades fazer
da mia morte, pois por vós morto for?

Ca na mia morte nom há razom
bona que ant'El possades mostrar,
desi nom o er podeades enganar,
ca El sabe bem quam de coraçom
vos eu am'e nunca vos erreí;
e por em quem tal feito faz bem sei
que em Deus nunca pod'achar perdom.

Ca de pram Deus nom vos perdoará
a mia morte, ca El sabe mui bem
ca sempre foi meu saber e meu sem
en vos servir. Er sabe mui bem
que nunca vos mereci por que tal
morte por vós houvesse, por em mal
vos será quand'ant'El formos alá.

Quant'eu, fremosa mia senhor...

Quant'eu, fremosa mia senhor,
de vós receei a veer
muit'er sei que nom hei poder

de m'agora guardar que nom
(vos) veja; mais tal confort'hei
que aquel dia murrerei
e perderei coitas d'amor.

E como quer que eu maior
pesar nom podesse veer
do que entom verei, prazer
hei ende, se Deus mi perdom,
porque por morte perderei
aquel dia coita que hei
qual nunca fez Nostro Senhor.

E, pero hei tam gram pavor
d'aquel dia grave veer
qual vos sol nom posso dizer,
confort'hei no meu coraçom
porque por morte sairei
aquel dia do mal que hei
peior do que Deus fez peior.

Vós mi defendestes, senhor...

Vós mi defendestes, senhor,
que nunca vos dissesse rem
de quanto mal mi por vós vem;
mais fazed-me sabedor,
por Deus, senhor, a quem direi
quam muito mal levei
por vós, se nom a vós, senhor?

Ou a quem direi o meu mal,
se o eu a vós nom disser,
pois calar-me nom m'é mester
e dizer-vo-lo nom m'er val?
E pois tanto mal sofr'assi
se convosco nom falar i
por quem saberedes meu mal?

Ou a quem direi o pesar
que mi vós fazedes sofrer
se o a vós nom for dizer,
que podedes conselh'i dar?

E por em, se Deus vos perdom,
coita deste meu coração,
a quem direi o meu pesar?

Como me Deus aguisou que vivesse...

Como me Deus aguisou que vivesse
em gram coita, senhor, des que vos vi!
Ca logo m'El guisou que vos oí
falar, desi quis que er conhecesse
o vosso bem a que El nom fez par;
e tod'aquesto m'El foi aguisar
ental que eu nunca coita perdesse.

E tod'est'El quis que eu padecesse
por muito mal que me lh'eu mereci,
e de tal guisa se vingou de mi;
e com tod'esto nom quis que morresse,
porque era meu bem de nom durar
em tam gram coita nem tam gram pesar;
mais quis que tod'este mal eu sofresse.

Assi nom er quis que m'eu percebesse
de tam gram meu mal, nem o entendi,
ante quis El que por viver assi,
e que gram coita nom mi falecesse,
que vos viss'eu, u m'El fez desejar
des entom morte que mi nom quer dar,
mais que vivendo peor atendesse.

Nunca Deus fez tal coita qual eu hei...

Nunca Deus fez tal coita qual eu hei
com a rem do mundo que mais amei,
des que a vi, e am'e amarei.
Noutro dia, quando a fui veer,
o demo lev'a rem que lh' eu falei
de quanto lh' ante cuidara dizer.

Mais tanto que me d' ant' ela quitei
do que ante cuidara me nembrei,
que nulha cousa ende nom minguei.

Mais quand' er quix tornar pola veer
a lho dizer, e me bem esforcei,
de lho contar sol nom houvi poder.

Da mia senhor que eu servi...

Da mia senhor que eu servi
sempr'e que mais ca mi amei,
veed', amigos, que tort'hei
que nunca tam gram torto vi;
ca pero a sempre servi
grand'é o mal que mia senhor
mi quer, mais quero-lh'eu maior

Mal que posso; sei per gram bem
lhi querer mais c'a mim nem al,
e se aquest'é querer mal,
est'é o que a mim avem;
ca pero lhi quero tal bem
grand'é o mal que mia senhor
mi quer, mais quero-lh'eu maior

Mal que posso; se per servir
e pela mais ca mim amar,
se est'é mal, a meu cuidar
este mal nom poss'eu partir;
ca, pero que a fui servir,
grand'é o mal que mia senhor
mi quer, mais quero-lh'eu maior

Mal que poss' e, pero nozir
nom mi devia desamor,
c'al que no bem nom há melhor.

Em gram coita, senhor...

Em gram coita, senhor,
que peor que mort'é,
vivo, per bõa fé,
e polo voss'amor
esta coita sofr'eu
por vós, senhor, que eu

vi polo meu gram mal;
e melhor mi será
de moirer por vós já;
e, pois me Deus nom val,
esta coita sofr'eu
por vós, senhor, que eu

polo meu gram mal vi;
e mais mi val morrer
ca tal coita sofrer
pois por meu mal assi
esta coita sofr'eu
por vós, senhor, que eu

vi por gram mal de mi,
pois tam coitad'and'eu.

Senhor, pois que m'agora Deus guisou...

Senhor, pois que m'agora Deus guisou
que vos vejo e vos posso falar,
quero-vo'la mia fazenda mostrar
que vejades como de vós estou:
vem-mi gram mal de vós, ai mia senhor
em que nunca pôs mal Nostro Senhor.

E, senhor, gradesc'a Deus este bem
que mi fez em mi vós fazer veer,
e mia fazenda vos quero dizer
que vejades que mi de vós avem:
vem-mi gram mal de vós, ai mia senhor
em que nunca pôs mal Nostro Senhor.

E nom sei quando vos ar veerei
e por em vos quero dizer aqui
mia fazenda, que vos sempr'encobri,
que vejades o que eu de vós hei:
vem-mi gram mal de vós, ai mia senhor
em que nunca pôs mal Nostro Senhor.

Ca nom pôs em nós mal Nostro Senhor
senom quant'a mim fazedes, senhor.

Pois mia ventura tal é já...

Pois mia ventura tal é já
que sodes tam poderosa
de mim, mia senhor fremosa,
por mesura que em vós há,
e por bem que vos estará,
pois de vós nom hei nenhum bem,
de vos amar nom vos pês em,
senhor.

E pois por bem nom teedes
que eu haja de vós grado
por quant'afã hei levado
por vós; ca assi queredes,
mia senhor, fé que devedes
pois de vós nom hei nenhum bem,
de vos amar nom vos pês em,
senhor.

E, lume destes olhos meus,
pois m'assi desemparades
e que me grado nom dades
como dam outras aos seus,
mia senhor, polo_amor de Deus,
pois de vós nom hei nenhum bem,
de vos amar nom vos pês em,
senhor.

E eu nom perderei o sem
e vós nom perdedes i rem,
senhor.

Senhor, dizem-vos por meu mal...

Senhor, dizem-vos por meu mal
que nom trobo com voss'amor,
mais ca m'hei de trobar sabor;
e nom mi valha Deus nem al
se eu trobo por m'em pagar,
mais faz-me voss'amor trobar.

E essa que vos vai dizer

que trobo porque me pagu'em,
e nom por vós que quero bem,
mente; ca nom veja prazer,
se eu trobo por m'em pagar,
mais faz-me voss'amor trobar.

E pero quem vos diz que nom
trobo por vós que sempr'amei,
mais por gram sabor que m'end'hei,
mente; ca Deus nom mi perdom,
se eu trobo por m'em pagar,
mais faz-me voss'amor trobar.

Tam muito mal mi fazedes, senhor...

Tam muito mal mi fazedes, senhor,
e tanta coita e afam levar,
e tanto me vejo coitad'andar
que nunca mi valha Nostro Senhor
se ant'eu já nom queria morrer
e se mi nom fosse maior prazer.

Em tam gram coita viv' a gram sazom
por vós, senhor, e levo tanto mal
que vos nom posso, nem sei, dizer qual
e por aquesto Deus nom mi perdom
se ant'eu já nom queria morrer
e se mi nom fosse maior prazer.

Tam muit'é o mal que mi por vós vem
e tanta coita lev'e tant'afam
que morrerei con tanto mal de pram
mais pero, senhor, de vós nom mi dê bem
se ant'eu já nom queria morrer
e se mi nom fosse maior prazer.

Ca mais meu bem é de morte sofrer
ante ca sempr'en tal coita viver.

Grave vos é de que vos hei amor...

Grave vos é de que vos hei amor
e par Deus a questo vej'eu mui bem,
mais empero direi-vos ãa rem
per boa fé, fremosa mia senhor:
se vos grav'é de vos eu bem querer,
grave est a mi, mais nom poss'al fazer.

Grave vos é, bem vej'eu qu' é assi,
de que vos amo mais ca mim nem al
e qu'est'é mia mort'e meu gram mal;
mais par Deus, senhor, que por meu mal vi,
se vos grav'é de vos eu bem querer,
grav' est a mi, mais nom poss'al fazer.

Grave vos est, assi Deus mi perdom,
que nom podia mais, per boa fé,
de que vos am', e sei que assi é,
mais par Deus, coita do meu coraçom,
se vos grav'é de vos eu bem querer,
grave est'a mi, mais nom poss'al fazer.

Pero mais grave dev'a mim seer
quant'é morte mais grave ca viver.

Pois que vos Deus fez, mia senhor...

Pois que vos Deus fez, mia senhor,
fazer do bem sempr'o melhor,
e vos em fez tam sabedor,
unha verdade vos direi,
se mi valha Nostro Senhor:
érades bõa pera rei.

E pois sabedes entender
sempr'o melhor e escolher,
verdade vos quero dizer,
senhor, que servh' e servirei:
pois vos Deus atal foi fazer,
érades bõa pera rei.

E pois vos Deus nunca fez par

de bom sem nem de bem falar,
nem fará já, a meu cuidar,
mia senhor, por quanto bem hei,
se o Deus quisesse guisar,
érades bõa pera rei.

Senhor, des quando vos vi...

Senhor, des quando vos vi
e que fui vosco falar
sabed'agora per mi
que tanto fui desejar
vosso bem; e pois é si,
que pouco posso durar
e moiro-m'assi de chãõ
porque mi fazedes mal
e de vós nom ar hei al
mia morte tenho na mão.

Ca tam muito desejei
haver bem de vós senhor,
que verdade vos direi
se Deus mi dê voss'amor:
por quant'hoj'eu creer sei,
com cuidad'e com pavor
meu coração nom é são
porque mi fazedes mal
e de vós nom ar hei al
mia morte tenho na mão.

E venho-vo-lo dizer,
senhor do meu coração,
que possades entender
como preñdi o cajom
quando vos eu fui veer;
e por aquesta razon
moir'assi servind'em vão
porque mi fazedes mal
e de vós nom ar hei al
mia morte tenho na mão.

Um tal home sei eu, ai bem talhada...

Um tal home sei eu, ai bem talhada,
que por vós tem a sa morte chegada.
Veedes quem é, seed'em nembrada:
eu mia dona.

Um tal home sei que perto sente
de si morte certamente.
Veedes quem é, venha-vos em mente:
eu mia dona.

Um tal home sei, aquest'óide,
que por vós marr'e vo-lo partide.
Veedes quem é, nom xe vos obride:
eu mia dona.

Pero que eu mui long' estou...

Pero que eu mui long' estou
da mia senhor e do seu bem,
nunca me dê Deus o seu bem,
pero m'eu lá long'estou,
se nom é o coração meu
mais perto dela que o seu.

E pero long'estou dali
d'u agora é mia senhor,
nom haja bem da mia senhor,
pero m'eu long'estou dali
se nom é o coração meu
mais perto dela que o seu.

E pero longe do logar
estou, que nom poss'al fazer,
Deus nom mi dê seu bem-fazer,
pero long'estou do logar,
se nom é o coração meu
mais perto dela que o seu.

C'a vezes tem em al o seu,
e sempre sigo tem o meu.

Sempr'eu, mia senhor, desejei...

Sempr'eu, mia senhor, desejei
mais que al, e desejarei,
vosso bem que mui servid'hei,
mais nom com asperança
d'haver de vós bem, ca bem sei
que nunca de vós haverei
senom mal e viltança.

Desej'eu mui mais d'outra rem
o que mi pequena prol tem,
ca desej'haver vosso bem
mais nom com asperança
que haja do mal que mi vem
por vós, nem galardom por em,
senom mal e viltança.

Desej'eu com mui gram razom
vosso bem, se Deus mi perdom,
mui mais de quantas cousas som,
mais nom com asperança
que sol coid' eno coração
haver de vós por galardom
senom mal e viltança.

Se eu podess'ora meu coração...

Se eu podess'ora meu coração,
senhor, forçar e poder-vos dizer
quanta coita mi fazedes sofrer
por vós, cuid'eu, assi Deus mi perdom,
que haveríades doo de mi.

Ca, senhor, pero me fazedes mal
e mi nunca quisestes fazer bem
se soubéssedes quanto mal mi vem
por vós, cuid'eu, par Deus que pod'e val
que haveríades doo de mi.

E pero m'havedes gram desamor
se soubéssedes quanto mal levei

e quanta coita, des que vos amei,
por vós, cuid'eu, por boa fé, senhor,
que haveríades doo de mi,
e mal seria se nom foss'assi.

Quant'há, senhor, que m'eu de vós parti...

Quant'há, senhor, que m'eu de vós parti,
a tam muit'há que nunca vi prazer
nem pesar, e quero-vos eu dizer
como prazer nem pesar nom er (vi):
perdi o sem e nom poss'estremar
o bem do mal nem prazer do pesar.

E des que m'eu, senhor, per bõa fé,
de vós parti, creed'agora bem
que nom vi prazer nem pesar de rem,
e aqesto direi-vos porque (é):
perdi o sem e nom poss'estremar
o bem do mal nem prazer do pesar.

Ca, mia senhor, bem des aquela vez
que m'eu de vós parti, no coração
nunca ar houv'eu pesar des entom
nem prazer, e direi-vos que mo fez:
perdi o sem e nom poss'estremar
o bem do mal nem prazer do pesar.

Ora vej'eu bem, mia senhor...

Ora vej'eu bem, mia senhor,
que mi nom tem nem unha prol
d'eno coração cuidar sol
de vós, senom que o peor
que mi vós poderdes fazer
faredes a vosso poder.

Ca nom atend'eu de vós al,
nem er passa per coração,
se Nostro Senhor mi perdom,
senom que aquel maior mal
que mi vós poderdes fazer

faredes a vosso poder.

E sol nom met'eu em cuidar
de nunca de vós haver bem,
ca são certo d'ũa rem:
que o mais mal e mais pesar
que mi vós poderdes fazer
faredes a vosso poder.

Ca Deus vos deu end'o poder
e o coração de mo fazer.

Quem vos mui bem visse, senhor...

Quem vos mui bem visse, senhor,
com quaes olhos vos eu vi
mui pequena sazom há i,
guisar-lh'ia Nostro Senhor
que vivess'em mui gram pesar
guisando-lh'o Nostro Senhor
como m'a mi foi guisar.

E quem vos bem com estes meus
olhos visse, creede bem,
que se nom perdess'ant'o sem,
que bem lhi guisaria Deus
que vivess'em mui gram pesar
se lh'o assi guisasse Deus
como m'a mi foi guisar.

E, senhor, quem algũa vez
com quaes olhos vos catei
vos catasse, por quant'eu sei,
guisar-lh'ia quem vós tal fez
que vivess'em mui gram pesar
guisando-lh'o quem vós tal fez,
como m'a mi foi guisar.

Nostro Senhor, hajades bom grado...

Nostro Senhor, hajades bom grado
por quanto m'hoje mia senhor falou;

e tod'esto foi porque se cuidou
que andava doutra namorado,
ca sei eu bem que mi nom falara
se de qual bem lh'eu quero cuidara.

Porque mi falou hoj'este dia,
hajades bom grado, Nostro Senhor;
e tod'esto foi porque mia senhor
cuidou qu'eu por outra morria,
ca sei eu bem que mi nom falara
se de qual bem lh'eu quero cuidara.

Porque m'hoje falou, haja Deus
bom grado, mais desto nom fora rem
se nom porque mia senhor cuidou bem
que doutra eram os desejos meus,
ca sei eu bem que mi nom falara
se de qual bem lh'eu quero cuidara.

Ca tal é que ante se matara
ca mi falar, se o sol cuidara.

A mia senhor que eu por mal de mi...

A mia senhor que eu por mal de mi
vi, e por mal daquestes olhos meus,
e por que muitas vezes maldezi
mi e o mund'e muitas vezes Deus,
des que a nom vi nom er vi pesar
d'al, ca nunca me d'al pudi nembrar.

A que mi faz querer mal mi medês
e quantos amigos soía_haver,
e desasperar de Deus, que mi pês,
pero mi tod'este mal faz sofrer,
des que a nom vi nom er vi pesar
d'al, ca nunca me d'al pudi nembrar.

A por que mi quer este coração
sair de seu lugar, e por que já
moir'e perdi o sem e a razom,
pero m'este mal fez e mais fará,
des que a nom vi nom er vi pesar

d'al, ca nunca me d'al pudi nembrar.

Pois que vos Deus, amigo, quer guisar...

Pois que vos Deus, amigo, quer guisar
d'irdes a terra d'u é mia senhor,
rogo-vos ora que por qual amor
vos hei lhi queirades tanto rogar
que se doia já do meu mal.

E d'irdes i tenh'eu que mi fará
Deus gram bem, poi-la podedes veer;
e, amigo, punhad'em lhi dizer,
pois tanto mal sofro, gram sazom há,
que se doia já do meu mal.

E pois que vos Deus aguisa d'ir i
tenh'eu que mi fez El i mui gram bem,
e pois sabede-lo mal que mi vem
pedide-lh'i mercee por mi,
que se doia já do meu mal.

A tal estado m'adusse, senhor...

A tal estado m'adusse, senhor,
o vosso bem e vosso parecer
que nom vejo de mi nem d'al prazer
nem veerei já, enquant'eu vivo for,
u nom vir vós que eu por meu mal vi.

E queria mia mort'e nom mi vem,
senhor, porque tamanh' é o meu mal
que nom vejo prazer de mim nem d'al,
nem veerei já, esto creede bem,
u nom vir vós que eu por meu mal vi.

E pois meu feito, senhor, assi é,
querria já mia morte, pois que nom
vejo de mi nem d'al nulha sazom
prazer, nem veerei já per bõa fé,
u nom vir vós que eu por meu mal vi,

pois nom havedes mercee de mi.

O que vos nunca cuidei a dizer...

O que vos nunca cuidei a dizer
com gram coita, senhor, vo-lo direi,
porque me vejo já por vós morrer,
ca sabedes que nunca vos falei
de como me matava voss'amor;
ca sabedes bem que d'outra senhor
que eu nom havia pavor nem hei.

E tod'aquesto mi fez fazer
o mui gram medo que eu de vós hei,
e desi por vos dar a entender
que por outra morria de que hei,
bem sabedes, mui pequeno pavor;
e des oimais, fremosa mia senhor,
se me matardes, bem vo-lo busquei.

E creede que haverei prazer
de me matardes, pois eu certo sei
que esso pouco que hei-de viver,
que nenhum prazer nunca veerei;
e porque são desto sabedor,
se mi quiserdes dar morte, senhor,
por gram mercee vo-lo terrei.

Que mui gram prazer que eu hei, senhor...

Que mui gram prazer que eu hei, senhor,
quand'em vós cuid', e nom cuid' eno mal
que mi fazedes!, mais direi-vos qual
tenh'eu por gram maravilha, senhor,
de mi viir de vós mal, u Deus nom
pôs mal de quantas eno mundo som.

E, senhor fremosa, quando cuid'eu
em vós e nom eno mal que mi vem
por vós, tod'aquel temp'eu hei de bem,
mais por gram maravilha per tenh'eu
de mi viir de vós mal, u Deus nom

pôs mal de quantas eno mundo som.

Ca, senhor, mui gram prazer mi per é
quand'em vós cuid', e nom hei de cuidar
em quanto mal mi fazedes levar;
mais gram maravilha tenh'eu que é
de mi viir de vós mal, u Deus nom
pôs mal de quantas eno mundo som.

Ca, par Deus, semelha mui sem razom
d'haver eu mal d'u o Deus nom pôs, nom.

Senhor fremosa, nom poss'eu osmar...

Senhor fremosa, nom poss'eu osmar
que est aquel em que vos mereci
tam muito mal quam muito vós a mi
fazedes; e venho-vos perguntar
o por que é, ca nom poss'entender,
se Deus me leixe de vós bem achar,
em que vo-l'eu podesse merecer.

Se é, senhor, porque vos sei amar
mui mais que os meus olhos, nem ca mi,
e assi foi sempre des que vos vi;
pero sabe Deus que hei gram pesar
de vós amar, mais nom poss'al fazer;
e por em vós, a que Deus nom fez par,
nom me devedes i culpa pões.

Ca sabe Deus que se m'end'eu quitar
podera des quant'há que vos servi,
mui de grado o fezera logu'i;
mais nunca pudi_o coração forçar
que vos gram bem nom houves's'a querer;
e por em nom dev'eu a lazerar,
senhor, nem devo por end'a morrer.

Nom sei como me salv'a mia senhor...

Nom sei como me salv'a mia senhor
se me Deus ant'os seus olhos levar,

ca par Deus nom hei como m'assalvar
que me nom julgue por seu traedor
pois tamanho temp'há que guareci
sem seu mandad' oir e a nom vi.

E sei eu mui bem no meu coração
o que mia senhor fremosa fará
depois que ant'ela for: julgar-m'á
por seu traedor com mui gram razom,
pois tamanho temp'há que guareci
sem seu mandad' oir e a nom vi.

E pois tamanho foi o erro meu
que lhi fiz torto tam descomunal,
se m'a sa gram mesura nom val,
julgar-m'á por em por traedor seu,
pois tamanho temp'há que guareci
sem seu mandad' oir e a nom vi.

Se o juízo passar assi,
ai eu cativ', e que será de mi?

Quix bem, amigos, e quer'e querrei...

Quix bem, amigos, e quer'e querrei
ũa molher que me quis e quer mal
e querrá; mais nom vos direi eu qual
é a molher, mais tanto vos direi:
quix bem e quer'e querrei tal molher
que me quis mal sempr'e querrá e quer.

Quix e querrei e quero mui gram bem
a quem mi quis mal e quer e querrá,
mais nunca homem per mi saberá
quem é; e pero direi-vos ãa rem:
quix bem e quer'e querrei tal molher
que me quis mal sempr'e querrá e quer.

Quix e querrei e quero bem querer
a quem me quis e quer, per bõa fé,
mal, e querrá; mais nom direi quem é,
mais pero tanto vos quero dizer:
quix bem e quer'e querrei tal molher

que me quis mal sempr'e querrá e quer.

Senhor, nom vos pês se me guisar Deus...

Senhor, nom vos pês se me guisar Deus
algunha vez de vos poder veer,
ca bem creede que outro prazer
nunca veram estes olhos meus
se nom se mi vós fezéssedes bem,
o que nunca será per nulha rem.

E nom vos pês de vos veer, ca tam
cuitad'ando que querria morrer,
e aos meus olhos podedes creer
que outro prazer nunca tal veram
se nom se mi vós fezéssedes bem,
o que nunca será per nulha rem.

E se vós vir, pois que já moir'assi,
nom devedes ende pesar haver,
mais (dos) meus olhos vos poss'eu dizer
que nom veram prazer d'al nem de mi
se nom se mi vós fezéssedes bem,
o que nunca será per nulha rem

Ca d'eu falar em mi fazerdes bem,
como falo, faç'i mingua de sem.

Senhor fremosa e de mui loução...

Senhor fremosa e de mui loução
coraçom, e queredes-vos doer
de mi, pecador, que vos sei querer
melhor ca mi; pero são certão
que mi queredes peior d'outra rem,
pero, senhor, quero-vos eu tal bem

Qual maior poss', e o mais encoberto
que eu poss'; e sei de Brancafrol
que lhi nom houve Flores tal amor
qual vos eu hei; e pero são certo
que mi queredes peior d'outra rem,

pero, senhor, quero-vos eu tal bem

Qual maior poss'; e o mui namorado
Tristam sei bem que nom amou lseu
quant'eu vos amo, esto certo sei eu;
e com tod'esto sei, mao pecado,
que mi queredes peor d'outra rem,
pero, senhor, quero-vos eu tal bem

Qual maior poss', e tod'aquest'avem
a mim, coitad' e que perdi o sem.

Ora, senhor, nom poss'eu já...

Ora, senhor, nom poss'eu já
por nenhũa guisa sofrer
que me nom hajam d'entender
o que eu muito receei,
ca m'entenderám que vos sei,
senhor, melhor ca mim querer.

Esto receei eu muito_há
mais esse vosso parecer
me faz assi o sem perder
que des oimais, pero m'é greu,
entenderám que vos sei eu,
senhor, melhor ca mim querer.

Veed'em vós como será
ca, par Deus, nom hei já poder
que em mim nom possa veer
quem quer que me vir des aqui
que vós sei eu por mal de mi,
senhor, melhor ca mim querer.

Senhor, hoj'houvesse eu vagar...

Senhor, hoj'houvesse eu vagar
e Deus me desse end'o poder,
que vos eu podesse contar
o gram mal que mi faz sofrer

esse vosso bom parecer,
senhor, a que El nom fez par.

Ca se vos podess'i falar,
cuidaria muit'a perder
da gram coita e do pesar
com que m'hoj'eu vejo morrer,
ca me nom pod'escaecer
esta coita que nom há par.

Ca me vós fez Deus tant'amar,
er fez-vos tam muito valer,
que nom poss'hoj'em mi osmar,
senhor, como possa viver,
pois me nom queredes tolher
esta coita que nom há par.

Que soidade de mia senhor hei...

Que soidade de mia senhor hei
quando me nembra dela qual a vi,
e que me nembra que bem a oí
falar; e por quanto bem dela sei,
rogu'eu a Deus que end'há o poder,
que ma leixe, se lhi prouguer, veer

cedo; ca, pero mi nunca fez bem,
se a nom vir, nom me posso guardar
d'ensandecer ou morrer com pesar;
e, porque ela tod'em poder tem,
rogu'eu a Deus que end'há o poder,
que ma leixe, se lhi prouguer, veer

cedo; ca tal a fez Nostro Senhor,
de quantas outras no mundo som
nom lhi fez par, a la minha fé, nom;
e poi-la fez das melhores melhor,
rogu'eu a Deus que end'há o poder,
que ma leixe, se lhi prouguer, veer

cedo; ca tal a quis Deus fazer
que, se a nom vir, nom posso viver.

Pero eu dizer quisesse...

Pero eu dizer quisesse,
creo que nom saberia
dizer, nem er poderia,
per poder que eu houvesse
a coita que o coitado
sofre que é namorado
nem er sei quem m'ó crevesse

senom aquel a quem desse
amor coita todavia
qual a mim dá noit'e dia.
Este cuido que tevesse
que digu'eu muit'aguisado,
ca outr'homem nom é nado
que esto creer podesse.

E por em quem bem soubesse
esta coita, bem diria
e sol nom duvidaria,
que coita que Deus fizesse,
nem outro mal aficado,
nom fez tal, nem é pensado
d'homem que lhi par posesse.

Ai senhor fremosa, por Deus...

Ai senhor fremosa, por Deus,
e por quam boa vos El fez,
doede-vos algũa vez
de mim e destes olhos meus
que vos virom por mal de si,
quando vos virom, e por mi.

E porque vos fez Deus melhor
de quantas fez, e mais valer,
queredes-vos de mim doer
e destes meus olhos, senhor,
que vos virom por mal de si,
quando vos virom, e por mi.

E porque o al nom é rem

senom o bem que vos Deus deu,
querede-vos doer do meu
mal e dos meus olhos, meu bem,
que vos virom por mal de si,
quando vos virom, e por mi.

Senhor fremosa, por qual vos Deus fez...

Senhor fremosa, por qual vos Deus fez
e por quanto bem em vós quis poer,
se m'agora quiséssedes dizer
o que vos já perguntei outra vez,
tenho que mi fariades gram bem
de mi dizerdes quanto mal mi vem
por vós, se vos est'é loor ou prez.

Ca, se vos fosse ou prez ou loor,
de me matardes seria razom,
e nom diria eu por ende nom,
mais d'atanto sede sabedor:
que nenhum prez nem loor nom vos é;
ant'errades muito, per bõa fé,
de me matardes, fremosa senhor.

E sabem quantos sabem vós e mim
que nunca cousa como vós amei;
desi sabem que nunca vos erre
(e) er sabem que sempre vos servi
o melhor que pud' e soubi cuidar;
e por em fazedes de me matar
mal, pois vo-l'eu, senhor, nom mereci.

Quer'eu em maneira de proençaal...

Quer'eu em maneira de proençaal
fazer agora um cantar d'amor,
e querei muit'i loar mia senhor
a que prez nem fremosura nom fal,
nem bondade; e mais vos direi em:
tanto a fez Deus comprida de bem
que mais que toda las do mundo val.

Ca mia senhor quiso Deus fazer tal,
quando a fez, que a fez sabedor
de todo bem e de mui gram valor,
e com tod'esto é mui comunal
ali u deve; er deu-lhi bom sem,
e desi nom lhi fez pouco de bem
quando nom quis que lh'outra foss'igual.

Ca em mia senhor nunca Deus pôs mal,
mais pôs i prez e beldad'e loor
e falar mui bem, e riir melhor
que outra molher; desi é leal
muit', e por esto nom sei hoj'eu quem
possa compridamente no seu bem
falar, ca nom há, tra-lo seu bem, al.

Mesura seria, senhor...

Mesura seria, senhor,
de vos amercear de mi,
que vós em grave dia vi,
e em mui grave voss'amor,
tam grave que nom hei poder
d'aquesta coita mais sofrer
de que muit'há fui sofredor.

Pero sabe Nostro Senhor
que nunca vo-l'eu mereci,
mais sabe bem que vós servi,
des que vos vi, sempr'o melhor
que nunca pudi fazer;
por em queredes-vos doer
de mim, coitado pecador.

Mais Deus que de tod'é senhor
me queira pões conselh'i,
ca se meu feito vai assi,
e m'El nom for ajudador
contra vós, que El fez valer
mais de quantas fezo nacer,
moir'eu, mais nom merecedor.

Pero, se eu hei-de morrer

sem vo-lo nunca merecer,
nom vos vej'i prez nem loor.

Que estranho que m' é, senhor...

Que estranho que m' é, senhor,
e que gram coita d'endurar,
quando cuid'em mi, de nembrar
de quanto mal fui sofredor
des aquel dia que vos vi,
e tod'este mal eu sofri
por vós e polo voss'amor.

Ca des aquel tempo, senhor,
que vos vi e oí falar,
nom perdi coitas e pesar
nem mal nom podia maior,
e aqesto passou assi,
e tod'este mal eu sofri
por vós e polo voss'amor.

E por em seria, senhor,
gram bem de vos amercear
de mim que hei coita sem par,
de qual vós sodes sabedor
que passou e passa por mi
e tod'este mal eu sofri
por vós e polo voss'amor.

Senhor, cuitad' é o meu coração...

Senhor, cuitad' é o meu coração
por vós, e moiro, se Deus mi perdom,
porque sabede que des que entom
vos vi, desi
nunca coita perdi.

Tanto me coita e trax mal Amor
que me mata, seed'em sabedor;
e tod'aqesto é des que, senhor,
vos vi, desi
nunca coita perdi.

Ca de me matar Amor nom m' é greu,
tanto mal soffro já em poder seu;
e tod'aquest' é, senhora, des quand' eu
vos vi, desi
nunca coita perdi.

Preguntar-vos quero por Deus...

Preguntar-vos quero por Deus
senhor fremosa, que vos fez
mesurada e de bom prez,
que pecados forom os meus
que nunca tevestes por bem
de nunca mi fazerdes bem.

Pero sempre vos soub' amar
des aquel dia que vos vi,
mais que os meus olhos em mi,
e assi o quis Deus guisar,
que nunca tevestes por bem
de nunca mi fazerdes bem.

Des que vos vi, sempr' o maior
bem que vos podia querer
vos quigi, a todo meu poder,
e pero quis Nostro Senhor
que nunca tevestes por bem
de nunca mi fazerdes bem.

Mais, senhor, ainda com bem
se cobraria bem por bem.

De muitas coitas, senhor, que levei...

De muitas coitas, senhor, que levei
des que vos soubi mui gram bem querer,
par Deus, nom poss' hoj' eu mi escolher
end' a maior; mais per quant' eu passei,
de mal em mal, e peor de peor,
nom sei qual é maior coita, senhor.

Tantas coitas levei e padeci,
des que vos vi, que nom poss'hoj'osmar
end'a maior, tantas forom sem par,
mais de tod'esto que passou por mi,
de mal em mal, e peor de peor,
nom sei qual é maior coita, senhor.

Tantas coitas passei dê' la sazom
que vos vi, per bõa fé,
que nom poss'osmar a maior qual é;
mais das que passei, se Deus mi perdom,
de mal em mal, e peor de peor,
nom sei qual é maior coita, senhor.

Nostro Senhor, se haverei guisado...

Nostro Senhor, se haverei guisado
de mia senhor mui fremosa veer,
que mi nunca fez nenhum prazer
e de que nunca cuid'haver bom grado,
pero filhar-lh'ia por galardom
de a veer se soubesse que nom
lh'era tam grave, Deus foss'em loado.

Ca mui gram temp'há que ando coitado
se eu podesse pola ir veer,
ca depois nom me pôd'escaecer
qual eu (a) vi, u ouvi Deus irado,
ca verdadeiramente des entom
nom trago mig'aqueste coração
nem er sei de mim parte nem mandado.

Ca me tem seu amor tam aficado
des que se nom guisou de a veer
que nom hei em mim força nem poder,
nem dormo rem nem hei em mim recado;
e porque viv'em tam gram perdiçom
que mi dê morte, peç'a Deus perdom,
e perderei meu mal e meu cuidado.

Senhor, pois me nom queredes...

Senhor, pois me nom queredes
fazer bem, nem o teedes
por guisado,
Deus seja por em loado;
mais, pois vós mui bem sabedes
o torto que mi fazedes,
gram pecado
havedes de mi, coitado.

E pois que vos nom doedes
de mim, e sol nom havedes
em cuidado,
em grave dia fui nado;
mais par Deus, senhor, seeredes
de mim pecador, ca veedes
mui doado
moir'e de vós nom hei grado.

E pois mentes nom metedes
no meu mal, nem corregedes
o estado
a que m'havedes chegado,
de me matardes faredes
meu bem, pois m'assi tragedes
estranhado
do bem que hei desejado.

E, senhor, sol nom pensedes
que pero mi morte dedes,
agravado
end'eu seja mais pagado.

Que grave coita, senhor, é...

Que grave coita, senhor, é
a quem (há) sempr'a desejar
o vosso bem que nom há par
com'eu faç'; e per bõa fé,
se eu a Deus mal mereci
bem se vinga por vós em mi.

Tal coita mi dá voss'amor
e faz-me levar tanto mal
que esto m'é coita mortal
de sofrer; e por em, senhor,
se eu a Deus mal mereci
bem se vinga por vós em mi.

Tal coita sofr', a gram sazom,
e tanto mal e tant'afam
que par de morte m'é de pram;
e, senhor, por esta razom
se eu a Deus mal mereci
bem se vinga por vós em mi.

E quer-se Deus vingar assi,
como Lhi praz, por vós em mi.

De mi vós fazerdes, senhor...

De mi vós fazerdes, senhor,
bem ou mal, tod'est'em vós é,
e sofrer m'é, per bõa fé,
o mal; ca o bem, sabedor
sõo que o nom hei-d'haver;
mais que gram coit'há de sofrer
quem é coitado pecador!

Ca no mal, senhor, viv'hoj'eu
que de vós hei; mais nulha rem
nom atendo de vosso bem,
e cuido sempre no mal meu
que pass'e que hei-de passar,
com haver sempr'(a) desejar
o mui gram bem que vos Deus deu.

E pois que eu, senhor, sofri
e sofro por vós tanto mal,
e que de vós nom atend'al,
em que grave dia naci
que eu de vós por galardom
nom hei-d'haver se coita nom,
que sempr'hovi des que vos vi.

Assi me trax coitado...

Assi me trax coitado
e aficad' amor,
e tam atormentado
que se nostro senhor
a mha senhor nom met'em cor
que se de mi doa, da mor-
t'haverei prazer e sabor.

Ca viv'em tal cuidado
come quem sofredor
é de mal aficado
que nom pode maior,
se mi nom val a que em for-
te ponto vi, ca já da mor-
t'hei prazer e nenhum pavor.

E faço mui guisado
pois são servidor
da que mi nom dá grado,
querendo-lh'eu melhor
ca mim nem al; por em conort'
eu nom hei já senom da mor-
t', onde são desejadador.

O gram viç'e o gram sabor...

O gram viç'e o gram sabor
e o gram conforto que hei,
é porque bem entender sei
que o gram bem da mia senhor
nom querrá Deus que err'em mi,
que a sempr' amei e servi
e lhi quero ca mim melhor.

Esto me faz alegre andar
e mi dá confort'e prazer,
cuidand'em como poss'haver
bem daquela que nom há par,
e Deus que lhi fez tanto bem,
nom querrá que o seu bom sem
err' em mim, quant' é meu cuidar.

E porend' hei no coração
mui gram prazer, ca tal a fez
Deus que lhi deu sem com bom prez
sobre quantas no mundo som,
que nom querrá que o bom sem
err'em mim, mais dar-m'á, cuid'em,
dela bem e bom galardom.

Senhor, que de grad'hoj'eu querria...

Senhor, que de grad'hoj'eu querria,
se a Deus e a vós aprougesse,
que u vós estades, estevesse
com vós, que por esto me terria
por tam bem andante
que por rei nem ifante
des ali adeante
nom me cambiaria.

E sabendo que vos prazeria
que u vós morássedes, morasse,
e que vós eu viss'e vós falasse,
terria-me, senhor, todavia
por tam bem andante
que por rei nem ifante
des ali adeante
nom me cambiaria.

Ca, senhor, em gram bem viveria
se u vós vivéssedes, vivesse,
e sol que de vós est'entendesse,
terria-me, e razom faria,
por tam bem andante
que por rei nem ifante
des ali adeante
nom me cambiaria.

Senhor fremosa, pois no coração...

Senhor fremosa, pois no coração
nunca posestes de mi fazer bem,

nem mi dar grado do mal que mi vem
por vós, siquer teede por razom,
senhor fremosa, de vos nom pesar
de vós veer, se m'ó Deus (a)guisar.

Pois vos nunca no coração entrou
de mi fazerdes, senhor, senom mal,
nem ar atendo jamais de vós al,
teede por bem, pois assi passou
senhor fremosa, de vos nom pesar
de vós veer, se m'ó Deus (a)guisar.

Pois que vos nunca doestes de mi,
er sabedes quanta coita passei
por vós, e quanto mal lev'e levei,
teede por bem, pois que est assi,
senhor fremosa, de vos nom pesar
de vós veer, se m'ó Deus (a)guisar.

E assi me poderedes guardar,
senhor, sem vós mal estar.

Nunca vos ousei a dizer...

Nunca vos ousei a dizer
o gram bem que vos sei querer,
senhor deste meu coração,
mais aque-m'em vossa prisom
de que vos praz de mi fazer.

Nunca vos dixi nulha rem
de quanto mal mi por vós vem,
senhor deste meu coração,
mais aque-m'em vossa prisom
de mi fazerdes mal ou bem.

Nunca vos ousei a contar
mal que mi fazedes levar,
senhor deste meu coração,
mais aque-m'em vossa prisom
de me guarir ou me matar.

E, senhor, coita e al nom

me forçou de vos ir falar.

Nom me podedes vós, senhor...

Nom me podedes vós, senhor,
partir deste meu coração
graves coitas; mais sei que nom
mi poderíades tolher,
per bõa fé, nenhum prazer,
ca nunca o eu pud'haver
des que vos eu nom vi, senhor.

Podedes mi partir gram mal,
e graves coitas que eu hei
por vós, mia senhor; mais bem sei
que me nom podedes per rem
tolher prazer nem nenhum bem,
pois end'eu nada nom houv'em
des que vos vi senom mal.

Graves coitas e grand'afam
mi podedes, se vós prouguer,
partir mui bem, senhor, mais er
sei que nom podedes tolher,
e que em mi nom há prazer,
des que vós nom pudi veer,
mais gram coit'e grand'afam.

Pois ante vós estou aqui...

Pois ante vós estou aqui,
senhor deste meu coração,
por Deus, teede por razom,
por quanto mal por vós sofri,
de vos querer de mim doer
ou de me leixardes morrer.

E pois do mal que eu levei
muit'há vós sodes sabedor
teede já por bem, senhor,
por Deus, pois tanto mal passei,
de vos querer de mim doer

ou de me leixardes morrer.

E pois que viv' em coita tal
por que o dormir e o sem
perdi, teede já por bem,
senhor, pois tant' é o meu mal,
de vos querer de mim doer
ou de me quererdes valer.

Senhor, que mal vos nembrades...

Senhor, que mal vos nembrades
de quanto mal por vós levei
e levo, bem o creades,
que par Deus já poder nom hei
de tam grave coita sofrer;
mais Deus vos leixe part' haver
da mui gram coita que mi dades.

E se Deus quer que hajades
parte da mia coita, bem sei,
pero m' ora desamades,
logu' entom amado serei
de vós, e podedes saber
qual coita é de padecer
aquesta de que me matades.

E, senhor, certa sejades
que des entom nom temerei
coita que mi dar possades
e tod' o meu sem cobrarei
que mi vós fezestes perder;
e vós cobrades conhecer
tanto que m' algum bem façades.

Amor, em que grave dia vos vi...

Amor, em que grave dia vos vi,
pois (a) que tam muit' há que eu servi
jamais nunca se quis doer de mi;
e pois me tod' este mal por vós vem,
mia senhor haja bem, pois est assi,

e vós hajades mal e nunca bem.

Em grave dia que vos vi, Amor,
pois a de que sempre foi servidor
me fez e faz cada dia peor;
e pois hei por vós tal coita mortal,
faça Deus sempre bem a mia senhor
e vós, Amor, hajades todo mal.

Pois da mais fremosa de quantas som
(jamais) nom pud'haver se coita nom,
e por vós viv'eu em tal perdiçom
que nunca dormem estes olhos meus,
mia senhor haja bem por tal razom,
e vós, Amor, hajades mal de Deus.

Que prazer havedes, senhor...

Que prazer havedes, senhor,
de mi fazerdes mal por bem,
que vos quig'e quer'? E por em
peç'eu tant'a Nostro Senhor
que vos mud'esse coraçom
que m'havedes tam sem razom.

Prazer havedes do meu mal
pero vos amo mais ca mi;
e por em peç'a Deus assi,
que sabe quant'é o meu mal,
que vos mud'esse coraçom
que m'havedes tam sem razom.

Muito vos praz do mal que hei,
lume daquestes olhos meus;
e por esto peç'eu a Deus,
que sab'a coita que eu hei,
que vos mud'esse coraçom
que m'havedes tam sem razom.

E se vo-lo mudar, entom
poss'eu viver, (e) senom nom.

Senhor, que bem parecedes...

Senhor, que bem parecedes,
se mi contra vós valvesse
Deus, que vos fez, e quisesse
do mal que mi fazedes
mi fezéssedes enmenda;
e vedes, senhor, quejenda
que vos viss'e vos prouguesse.

Bem parecedes sem falha
que nunca viu homem tanto,
por meu mal e meu quebranto;
mais, senhor, que Deus vos valha
por quanto mal hei levado
por vós, haja em por grado
veer-vos siquer já quanto.

Da vossa gram fermosura
ond'eu, senhor, atendia
gram bem e grand' alegria
mi vem gram mal sem mesura;
e pois hei coita sobeja
praza-vos já que vos veja
no ano ua vez d'um dia.

Senhor fremosa, vejo-vos queixar...

Senhor fremosa, vejo-vos queixar
porque vos am', e no meu coração
hei mui gram pesar, se Deus mi perdom,
porque vej'end'a vós haver pesar,
e queria-m'em de grado quitar,
mais nom posso forçar o coração

que mi forçou meu saber e meu sem;
desi meteu-me no vosso poder,
e do pesar que vos eu vej'haver,
par Deus, senhor, a mim pesa muit'em;
e partir-m'ia de vós querer bem
mais tolhe-m'end'o coração poder

que me forçou de tal guisa, senhor,
que sem nem força, nom hei já de mi;
e do pesar que vós tomades i,
tom'eu pesar que nom posso maior,
e queria nom vos haver amor,
mais o coração pode mais ca mi.

Amor fez a mim amar...

Amor fez a mim amar
gram temp'há unha molher
que meu mal quis sempr' e quer,
e me quis e quer matar;
e bem o pod'acabar
pois end'o poder houver.
Mais Deus, que sab'a sobeja
coita que m'ela dá, veja
como vivo tam coitado;
El mi ponha i recado.

Tal molher mi fez Amor
amar, que bem des entom
nom mi deu se coita nom,
e do mal sempr'o pior.
Por end'a Nostro Senhor
rogu'eu mui de coração
que El m'ajud'em_a tam forte
coita que par m'é de morte,
e ao gram mal sobejo
com que m'hoj'eu morrer vejo.

A mim fez gram bem querer
Amor ãa molher tal
que sempre quis o meu mal
e a que praz d'eu morrer.
E, pois que o quer fazer,
nom poss'eu fazer i al;
mais Deus, que sab'o gram torto
que mi tem, mi dê conorto
a este mal sem mesura
que tanto comigo dura.

Amor fez a mim gram bem

querer tal molher ond'hei
sempre mal e haverei;
ca em tal coita me tem
que nom hei força nem sem;
por em rogu'e rogarei
a Deus, que sabe que vivo
em tal mal e tam esquivo,
que mi queira dar guarida
de mort', ou dê melhor vida.

Punh'eu, senhor, quanto poss'em quitar...

Punh'eu, senhor, quanto poss'em quitar
d'em vós cuidar este meu coração
que cuida sempr'em qual vos vi; mais nom
poss'eu per rem nem mi nem el forçar
que nom cuide sempr'em qual vos eu vi;
e por esto nom sei hoj'eu de mi
que faça, nem me sei conselh'i dar.

Nom pudi nunca partir de chorar
estes meus olhos bem dê'la sazom
que vos virom, senhor, ca des entom
quis Deus assi que vo-lhi foi mostrar,
que nom podess'o coração desi
partir d'em vós cuidar, e viv'assi
sofrendo coita tal que nom há par.

E, mia senhor, u sempr'hei-de cuidar
no maior bem dos que no mundo som,
qual est o vosso, hei mui gram razom,
pois nom poss'end'o coração tirar,
de viver em camanho mal vivi,
des que vos eu por meu mal conhoci,
e d'haver sempr'a mort'a desejar.

De mi valerdes seria, senhor...

De mi valerdes seria, senhor,
mesura, por quant'há que vos servi;
mais, pois vos praz de nom seer assi,
e do mal hei de vós sempr'o peor,

veed'ora se seria melhor,
como vos praz de me leixar morrer,
de vós prazer de mi querer valer.

De mi valerdes, senhor, nulha rem
nom errades, pois vos sei tant'amar
como vos am', e pois vos é pesar;
e sofr'eu mal de que moir', e por em
veede agora se seria bem
como vos praz de me leixar morrer,
de vós prazer de mi querer valer.

De mi valerdes era mui mester
porque perço quanto vos direi:
o corp'e Deus, e nunca vos erreij,
e pero praz-vos do meu mal; mais er
veede se é bem, se vós prouguer,
como vos praz de me leixar morrer,
de vós prazer de mi querer valer.

De mi valerdes, Deus nom mi perdom,
se vós perdedes do vosso bom prez,
pois vos tant'am'; e por Deus que vos fez
valer mais de quantas no mundo som,
veed'agora se nom é razom
como vos praz de me leixar morrer,
de vós prazer de mi querer valer.

E pois, senhor, em vós é o poder,
por Deus, quered'o melhor escolher.

Quand'eu bem meto femença...

Quand'eu bem meto femença
em qual vos vej'e vos vi,
des que vos eu conhoci,
Deus, que nom mente, mi mença,
senhor, se hoj'eu sei bem
que semelh'o voss'em rem.

Quand'eu a beldade vossa
vejo, que vi por meu mal,
Deus, que a coitados val,

a mim nunca valer possa,
senhor, se hoj'eu sei bem
que semelh'o voss'em rem.

E quem o assi nom tem
nom vos viu, ou nom há sem.

Senhor, aquel que sempre sofre mal...

Senhor, aquel que sempre sofre mal,
mentre mal há nom sabe que é bem,
e o que sofre bem sempr', outro tal
do mal nom pode saber nulha rem,
por em queredede, pois que eu, senhor,
por vós fui sempre de mal sofredor,
que algum tempo sabha que é bem.

Ca o bem, senhor, nom poss'eu saber
senom per vós, por que eu o mal sei;
desi o mal nom o posso perder
se per vós nom; e poi-lo bem nom hei,
quered'ora, senhor, vel por Deus já
que em vós pôs quanto bem no mund'há,
que o bem sabha, pois que (o) nom sei.

Ca se nom souber algũa sazom
o bem por vós, por que eu mal sofri,
nom tenh'eu já i se morte nom,
e vós perdedes mesura em mi;
por em queredede, por Deus, que vos deu
tam muito bem, que por vós sabha eu
o bem, senhor, por quanto mal sofri.

Senhor, em tam grave dia...

Senhor, em tam grave dia
vos vi que nom poderia
mais; e por Santa Maria,
que vos fex tam mesurada,
doede-vos algum dia
de mim, senhor bem talhada.

Pois sempr' há em vós mesura
e todo bem e cordura,
que Deus fez em vós feitura
qual nom fez em mulher nada,
doede-vos por mesura
de mim, senhor bem talhada.

E, por Deus, senhor, tomade
mesura, por gram bondade
que vos El deu, e catade
qual vida vivo coitada,
e algum doo tomade
de mi, senhor bem talhada.

Por Deus, senhor, pois per vós nom ficou...

Por Deus, senhor, pois per vós nom ficou
de mi fazer bem, e ficou per mi,
teede por bem, pois assi passou,
em galardom de quanto vós servi,
de mi teer puridade, senhor,
e eu a vós, ca est' é o melhor.

Nom ficou per vós de mi fazer bem,
e de Deus hajades bom galardom,
mais a mia míngua foi grand'; e por em
por mercee teede por razom
de mi teer puridade, senhor,
e eu a vós, ca est' é o melhor.

Sempre vos desto bom grado darei,
mais eu minguei em loor e em prez,
como Deus quis; mais assi passou,
praza-vos, senhor, por qual vos El fez,
de mi teer puridade, senhor,
e eu a vós, ca est' é o melhor.

Ca nom tiro eu nem vós prez nem loor
daqueste preito, se sabudo for.

Senhor, eu vivo coitada...

Senhor, eu vivo coitada
vida des quando vós nom vi;
mais pois vós queredes assi,
por Deus, senhor bem talhada,
queredes-vos de mim doer
ou ar leixade-m'ir morrer.

Vós sodes tam poderosa
de mim que meu mal e meu bem
em vós é todo; (e) por em,
por Deus, mia senhor freiosa,
queredes-vos de mim doer
ou ar leixade-m'ir morrer.

Eu vivo por vós tal vida
que nunca estes olhos meus
dormem, mia senhor; e por Deus,
que vos fez de bem comprida,
queredes-vos de mim doer
ou ar leixade-m'ir morrer.

Ca, senhor, todo m' é prazer
quant' i vós quiserdes fazer.

Unha pastor se queixava...

Unha pastor se queixava
muit' estando noutro dia
e sigo medês falava
e chorava e dizia,
com amor que a forçava:
Par Deus, vi-t' em grave dia,
ai amor!...

Ela s' estava queixando
como molher com gram coita,
e que a pesar des quando
nacera nom fora doita;
por em dezia chorando:
Tu nom és senom mia coita,
ai amor!...

Coitas lhi davam amores

que nom lh'eram senom morte;
e deitou-s'antr'ũas flores
e disse com coita forte:
Mal ti venha per u fores
ca nom és senom mia morte,
ai amor!...

Unha pastor bem talhada...

Unha pastor bem talhada
cuidava em seu amigo
e estava, bem vos digo,
per quant'eu vi, mui coitada;
e diss': Oimais nom é nada
de fiar per namorado
nunca mulher enamorada,
pois que mi o meu há errado....

Ela tragia na mão
um papagai mui fremoso
cantando mui saboroso,
ca entrava o verão;
e diss': Amigo loução,
que faria per amores,
pois m'errastes tam em vão?...
E caeu antr'unhas flores.

Unha gram peça do dia
jouv'ali que nom falava,
e a vezes acordava
e a vezes esmorecia;
e diss': Ai Santa Maria!
que será de mim agora?...
E o papagai dizia:
Bem, por quant'eu sei, senhora....

Se me queres dar guarida...,
diss'a pastor, di verdade,
papagai, por caridade,
ca morte m'é esta vida....
Diss'el: Senhor comprida
de bem, e nom vos queixedes,

ca o que vos há servida,
ergued'olho e vee-lo-edes....

Vi hoj'eu cantar d'amor...

Vi hoj'eu cantar d'amor
em um fremoso virgeu
unha fremosa pastor
que ao parecer seu
jamais nunca lhi par vi;
e por em dixi-lh'assi:
Senhor, por vosso vou eu....

Tornou sanhuda entom,
quando m'est'oíu dizer,
e diss': Ide-vos, varom!
quem vos foi aqui trager
pera m'irdes destorvar
d'u dig'aqueste cantar
que fez quem sei bem querer?...

Pois que me mandades ir...,
dixi-lh'eu, senhor, ir-m'ei;
mais já vos hei-de servir
sempr'e por voss'andarei;
ca voss'amor me forçou
assi que por vosso vou,
cujo sempr'eu já serei....

Dix'ela: Nom vos tem prol
esso que dizedes, nem
mi praz de o oír sol;
ant'hei noj'e pesar em,
ca meu coração nom é
nem será, per bõa fé,
senom do que quero bem....

Nem o meu..., dixi-lh'eu, já,
senhor, nom se partirá
de vós, por cujo s'el tem....

O meu..., diss'ela, será

u foi sempr'e u está,
e de vós nom curo rem....

Proençaes soem mui bem trobar...

Proençaes soem mui bem trobar
e dizem eles que é com amor;
mais os que trobam no tempo da flor
e nom em outro, sei eu bem que nom
ham tam gram coita no seu coração
qual m'eu por mia senhor vejo levar.

Pero que trobam e sabem loar
sas senhores o mais e o melhor
que eles podem, são sabedor
que os que trobam quand'a frol sazom
há, e nom ante, se Deus mi perdom,
nom ham tal coita qual eu hei sem par.

Ca os que trobam e que s'alegrar
vam eno tempo que tem a color
a frol consegu'e tanto que se for
aquele tempo, logu'em trobar razom
nom ham, nem vivem em qual perdiçom
hoj'eu vivo, que pois m'há-de matar.

Ou é Meliom Garcia queixoso...

Ou é Meliom Garcia queixoso
ou nom faz come home de parage
escontra duas meninas que trage,
contra que nom cata bem nem fremoso,
ca lhas vej'eu trager bem dê's antano
ambas vestidas de mui mao pano:
nunca mais feo vi nem mais lixoso.

Andam ant'el chorando mil vegadas
por muito mal que ham com el levado,
(e) el, come home desmesurado
contra elas, que andam mui coitadas,
nom cata rem do que catar devia
e, poi-las tem sigo noit'e dia,

seu mal é tragê-las mal lazeradas.

E pois el sa fazenda tam mal cata
contra elas que faz viver tal vida
que nem del nem doutrem nom ham guarida,
eu nom lho tenho por bõa barata
de as trager, como trag', em concelho
chorosas e minguidas de conselho,
ca demo lev'a prol que xi lh'em ata.

Tant' é Meliom pecador...

Tant' é Meliom pecador,
e tant' é fazedor de mal,
e tant' é um hom' infernal,
que eu são bem sabedor,
quanto o mais posso seer,
que nunca poderá veer
a face de Nostro Senhor.

Tantos som os pecados seus,
e tam muit' é de mal talam,
que eu são certo de pram,
quant' aquestes amigos meus,
que por quanto mal em el há,
que jamais nunca veerá
en nenhum temp'a face de Deos.

El fez sempre mal e cuidou,
e jamais nunca fez o bem;
(e) eu são certo por em
d'el, que sempre em mal andou,
que nunca já, pois assi é,
pode veer, per bõa fé,
a face do que nós comprou.

Joam Bolo jov' em ãa pousada...

Joam Bolo jov' em ãa pousada
bem dê's ogano que da era passou
com medo do meirinho que lh'achou
ũa mua que tragia negada;

pero diz el que, se lhi for mester,
que provará ante qual juiz quer
que a trouxe sempre dês que foi nada.

Esta mua pod'el provar por sua
que a nom pod'home dele levar
pelo dereito, se a nom forçar,
ca moram bem cento naquela rua
per que el poderá provar mui bem
que aquela mua, que ora tem,
que a teve sempre, mentre foi mua.

Nom na perderá, se houver vogado,
pois el pode per enquisas pões
como lha virom criar e trager
em cas sa madr', u foi el criado;
e provará per maestre Reinel
que lha guardou bem dez meses daquel
cerro, ou bem doze, que trag'inchado.

De Joam Bol'and'eu maravilhado...

De Joam Bol'and'eu maravilhado
u foi sem siso home tam pastor
e led'e ligeiro cavalgador,
que tragia rocim bel'e loução,
e disse-m'ora aqui um seu vilão
que o havia por mua cambiado.

E deste câmbio foi el enganado
d'ir dar rocim feit'e corredor
por ãa muacha revelador
que nom sei hoj'home que a tirasse
fora da vila, pero o provasse,
se x'el nom for nom será tam ousado.

Mais nom foi esto senom seu pecado
que el mereceu a Nostro Senhor
ir seu rocim, de que el gram sabor
havia, dar por mua mal manhada,
que nom queria, pero mi a doada
dessem, nem andar dela embargado.

Melhor fora dar o rocim dōado
ca por tal muacha remusgador
que lh'home nom guardará se nom for
el que xa vai já quanto conhecendo;
mais se el fica, por quant'eu entendo,
sen cajom dela, est'aventurado.

Mui mais queria, besta nom havendo,
ant'ir de pé ca del'encavalgado.

Joam Bol' anda mal desbaratado...

Joam Bol' anda mal desbaratado
e anda trist' e faz muit'aguisado,
ca perdeu quant'havia gaanhado
e o que lhi deixou a madre sua:
um rapaz, que era seu criado,
levou-lhe o rocim e leixou-lh' a mua.

Se el a mua quisesse levar
a Joam Bol'e o rocim leixar,
nom lhi pesara tant', a meu cuidar,
nem ar semelhara cousa tam crua;
mais o rapaz, por lhi fazer pesar,
levou-lhe o rocim e leixou-lh' a mua.

Aquel rapaz, que lh'o rocim levou,
se lhi levass'a mua que lhi ficou
a Joam Bolo, como se queixou
nom se queixar' andando pela rua;
mais o rapaz, por mal que lhi cuidou,
levou-lhe o rocim e leixou-lh' a mua.

U noutro dia Dom Foam...

U noutro dia Dom Foam
disse unha cousa que eu sei,
andand'aqui em cas d'el-Rei,
bõa razom mi deu de pram
*per que lhi trobasse; nom quis,
e fiz mal porque o nom fiz.*

Falou migo o que quis falar
e com outros mui sem razom;
e do que nos i diss'entom
bõa razom mi par foi dar
*per que lhi trobasse; nom quis,
e fiz mal porque o nom fiz.*

Ali u comigo falou
do casamento seu e d'al,
em que mi falou muit'e mal,
que de razões i mostrou
*per que lhi trobasse; nom quis,
e fiz mal porque o nom fiz.*

E sempre m'eu mal acharei
Por que lh'eu entom nom trobei,

ca se lh'entom trobara_ali
vingara-me do que lh'oi.

U noutro dia seve Dom Foam...

U noutro dia seve Dom Foam,
a mi começou gram noj'a crecer
de muitas cousas que lh'oi dizer.
Diss'el: - Ir-m'ei ca já se deitaram...;
*e dix'eu: - Bõa ventura_hajades
porque vos ides e me leixades....*

E muit' enfadado do seu parlar
sevi gram peça, se mi valha Deus,
e tosquiava estes olhos meus.
E quand'el disse: Ir-me quer'eu deitar...
*e dix'eu: - Bõa ventura_hajades
porque vos ides e me leixades....*

El seve muit'e diss' e porfiou,
e a mim creceu gram nojo por em,
e nom soub'el se x'era mal se bem.
E quand'el disse: - Já m'eu deitar vou...
*e dix'eu: - Bõa ventura_hajades
porque vos ides e me leixades....*

Disse-m'hoj'um cavaleiro...

Disse-m'hoj'um cavaleiro
que jazia feramente
um seu amigo doente
e buscava-lhi lorbaga,
dixi-lh'eu: - Seguramente
come-o praga por praga...

que el muitas vezes disse
per essa per que o come
quantas em nunca diss'home;
e o que disse beno paga
ca, come cam que há fome,
come-o praga por praga

que el muitas vezes disse;
e jaz ora o astroso
mui doente, mui nojoso,
e com medo per si caga,
ca, come lobo ravioso,
come-o praga por praga.

Mui melhor ca m'eu governo...

Mui melhor ca m'eu governo
o que revolv'o caderno
governa, e d'inverno
o vestem bem de brou.
E jaz eno inferno
o que o guaanhou.

Andam o seu comendo
e mal o despendendo
e baratas fazendo,
que el nunca cuidou.
E jaz no fog'ardendo
o que o guaanhou.

O que seu mal pecado
foi é desbaratado;
e anda (b)em guisado
quem sempr'o seu guardou.

E jaz atormentado
o que o guanhou.

Deus! com'ora perdeu Joam Simiom...

Deus! com'ora perdeu Joam Simiom
três bestas, nom vi de maior cajom,
nem perdudas nunca tam sem razom:
ca teendo-as sãas e vivas
e bem sangradas com sazom,
moirerom-lhi todas com olivas.

Dês aquel dia em que naci
nunca bestas assi perdudas vi:
ca as fez ant'el sangrar ante si;
e ante que saíssem daquel mê,;
per com'eu a Joam Simiom oí,
com olivas moirerom todas três.

Bem as cuidara de morte guardar
todas três, quando as fez sangrar;
mais havia-lhas o Dem'a levar
pois se par tal cajom perderom;
e Joam Simiom quer-s'ora matar
por que lhi com olivas moirerom.

O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: *iba@ibamendes.com*

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes
São Paulo, 2014